

As revoluções tecnocientíficas e a modelagem das feminilidades, hoje

Marlene Tamanini:

A maternidade sob o impacto da revolução tecnológica. Desafios e perspectivas

Carolina Ribeiro:

O corpo como um lugar de luta, de transgressão e resistência

Marília Gomes de Carvalho:

A recíproca relação entre tecnologia e sociedade

José Ignacio González Faus

“A eminente dignidade dos pobres na Igreja”

Cesar Sanson:

A direita e a esquerda se encontram na mesma vertente desenvolvimentista e continuam sacrificando os povos indígenas no altar do progresso



As revoluções tecnocientíficas e a modelagem das feminilidades, hoje

A modelagem das feminilidades favorecidas pelas revoluções tecnocientíficas contemporâneas é o tema de capa da **IHU On-Line** desta semana.

Participam do debate Marlene Tamanini, professora na Universidade Federal do Paraná – UFPR, Diana Maffia, pesquisadora do Instituto Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidad de Buenos Aires e diretora do Observatório de Gênero na Justiça, do Conselho da Magistratura da capital argentina, Maristela Mitsuko Ono e Marília Gomes de Carvalho, professoras e pesquisadoras no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Carolina Ribeiro Pátaro, mestranda do Programa de Sociologia da Universidade Federal do Paraná – UFPR e Leonor Graciela Natansohn, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia.

Completam a edição um artigo, uma entrevista e a reportagem da semana.

“No altar do progresso, direita e esquerda se unem no sacrifício dos

povos indígenas” é o título da análise de conjuntura publicada na última semana pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. A “Conjuntura da Semana” consiste numa (re) leitura das Notícias do Dia publicadas diariamente no sítio do IHU. A análise é elaborada, em fina sintonia com o Instituto Humanitas Unisinos – IHU, pelo Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, parceiro estratégico do IHU, com sede em Curitiba-PR, e por Cesar Sanson, professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, parceiro do IHU na elaboração das Notícias do Dia. Uma síntese é publicada nesta edição de autoria do professor da UFRN.

José Ignacio González Faus, teólogo espanhol, concede uma entrevista sobre a atual conjuntura eclesial e outros temas em debate na contemporaneidade.

“O que vem antes do começo” é o título da reportagem da semana.

A todas e a todos uma ótima semana e uma excelente leitura!



Instituto Humanitas Unisinos

UNISINOS Endereço: Av. Unisinos, 950, São Leopoldo/RS. CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128.
E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.

Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br).
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br).
Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598 (ricardom@unisinos.br).
Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.
Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos – Agexcom.
Editoração: Rafael Tarcísio Forneck
Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland, Natália Scholz, Wagner Altes e Mariana Staudt

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Marlene Tamanini:** A maternidade sob o impacto da revolução tecnológica. Desafios e perspectivas
- 12 **Marília Gomes de Carvalho:** A recíproca relação entre tecnologia e sociedade
- 15 **Carolina Ribeiro:** O corpo como um lugar de luta, de transgressão e resistência
- 19 **Leonor Graciela Natansohn:** “Tecnologia ainda é coisa de homem, mas isto está mudando”
- 21 **Diana Maffía:** O feminismo e a luta comum contra as múltiplas opressões
- 23 **Maristela Mitsuko Ono:** Amar, ser, ter e estar. As relações de amor a partir da diversidade de gênero

DESTAQUES DA SEMANA

- 26 **Reportagem da Semana:** O que vem antes do começo
- 29 **Teologia Pública:** José Ignacio González Faus: “A eminente dignidade dos pobres na Igreja”
- 33 **Artigo da Semana:** Papa Francisco: Diálogo, discernimento e novas fronteiras.
- 35 **Artigo da Semana:** Cesar Sanson: A direita e a esquerda se encontram na mesma vertente desenvolvimentista e continuam sacrificando os povos indígenas no altar do progresso
- 38 **Destaques On-Line**

IHU EM REVISTA

- 40 **Agenda de eventos**
- 41 **IHU Ideias:** Megaeventos e a Violação de Direitos: A Copa do Mundo para quem e para quê?
- 42 **Publicação em destaque**
- 43 **Retrovisor**



twitter.com/ihu



bit.ly/ihufacebook



www.ihu.unisinos.br

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

A maternidade sob o impacto da revolução tecnológica. Desafios e perspectivas

Para Marlene Tamanini, a tecnologia funda-se na ideia sobre o quanto a natureza necessita de assistência. “Ela pode ajudar a natureza a superar sua falha, isto é, a fazer o que ela não teria condições de fazer naturalmente”

POR GRAZIELA WOLFART

“**E**o fato é que, pelo menos uma vez na vida, uma mulher devia ser mãe, ainda segue-se pensando que deva ser mãe, e, se não o for nunca, de alguma maneira, estará fora da representação”. A análise é da professora Marlene Tamanini, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, em que reflete sobre as técnicas de reprodução assistida. Segundo ela, no que diz respeito à biomedicina, “o útero, as diferenças entre os gametas e as representações segue-se apontando a necessidade de maternidade, como experiência fundante e imprescindível para uma mulher heterossexual, casada, que quer um filho”. E continua: “as representações compartilhadas pelos casais resultam de uma interpretação híbrida entre a ideia de que um filho é um pouco da genética de cada um, e uma obra de arte de ambos, como resultado de um processo de conjugalidade e seu projeto. O filho aparece entre casais heterossexuais (...) como um capital narcísico e emocional e como a possibilidade de transcendência sanguínea e cultural”. Baseada em suas pesquisas, Marlene Tamanini argumenta que “as tecnologias conceptivas são um campo de opções para as mulheres que escolhem a maternidade como um projeto de vida e que têm dificuldades, ou que a desejam para mais tarde em seu proje-

to pessoal ou conjugal. Concomitantemente, possibilitam o reforço cultural da ideia de que se eu não for mãe agora, o serei mais tarde. Se não der nesta relação vai dar na outra, se eu não puder ser com meus óvulos haverá uma doadora, ou um banco de óvulos. Frente a este conjunto de práticas, intervenções e representações profundamente engajadas na ordem simbólica da mãe, será preciso coragem para dizer não, e ou seguir com outros caminhos”.

Marlene Tamanini é professora na Universidade Federal do Paraná – UFPR e foca seus estudos nas abordagens de gênero. Realizou doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003) e doutorado sanduíche no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS/França em 2003). É autora dos livros *Reprodução assistida e gênero: o olhar das ciências humanas* e *Livro didático da disciplina de Sociologia* (Florianópolis: UFSC, 2009).

“Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos reprodutivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero” é o texto de Marlene Tamanini que acaba de ser publicado pelos **Cadernos IHU ideias**, no. 189 (mais informações em <http://bit.ly/GD6sTY>).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que medida as tecnologias de reprodução assistida interferem na cultura da maternidade?

Marlene Tamanini – Existe uma rica e extensa literatura feminista que

discute e analisa a experiência das mulheres com a maternidade. Esta experiência se reporta a contextos e a temporalidades diversas e dá conta de mostrar que, mesmo frente à existência de múltiplas formas de vivê-la

e exercê-la, a maternidade, ao longo do tempo, seguiu vinculada à gestação e ao parto e, por longos séculos, fundou-se na ideia de que a mãe é sempre certa, porque é aquela que dá à luz. Para a paternidade, segura-

mente, este nunca foi um critério e, por mais esforço que as sociedades tenham realizado a fim de ligar o pai à criança, a maternidade sempre seguiu sendo a representação mais forte, mais incontestável, mais insondável nas representações e nas práticas sociais. Especialmente, porque as representações sobre a mulher como guardiã de sua mais importante e mais fundante qualificação: ser mãe, opera desde os primeiros segundos em que o embrião faz suas divisões celulares. Assim sendo, não há necessidade de grande esforço para que a maternidade seja estabelecida e, para que ela se traduza no entendimento de que as mulheres guardarão sempre, e de maneira mais forte, as crianças no seu coração porque elas as carregaram em seu útero. A questão é desta ordem. Mesmo quando existem viagens mitológicas das cegonhas que trazem os bebês, representa-se sempre com a imagem de bebês felizes e grudados nos peitos de suas mães.

Além do mais, como ironicamente afirma Iacub (2004) nós somos mamíferos e junto aos mamíferos não se discute a maternidade, mesmo se algumas fêmeas matem, comam, ou abandonem seus filhotes. Nós acreditamos que não há povo ou nação, segundo a autora, que seja tão ignorante que não conheça essa realidade. Penso que mesmo quando afirmamos: “fulano não tem mãe”, acreditamos, ainda que inconscientemente, na existência de uma mulher não tão louvável como geradora desta criatura, que é frequentemente pensada como sendo infeliz por ausência de mãe.

No cristianismo, até mesmo a virgem deu à luz e muitas mulheres fizeram arranjos vários para ter seus filhos; ilustrativamente cito Agar e Sara, personagens bíblicas.

A maternidade, em seus diferentes contextos, nas representações e percepções que são compartilhadas em grande parte de nossas relações sociais, aparece como um fato incontornável e nada será tomado como mais desnatural do que uma mãe que se desfaça de sua cria (criança), ainda se muitas mulheres em nossa história cultural e social tenham se desobrigado de seus filhos nascidos, ou abdicado da maternidade ao longo da vida. Nesse aspecto, os narrados não são recentes.

A maternidade forjada

Percebo que há alguns elementos dos que estão mais amplamente envolvidos com o necessário conteúdo à formulação desta resposta, que eu não posso deixar de indicar. Assim, ressalto a imprescindibilidade de pelo menos três aspectos: O primeiro, já citado, diz respeito às questões de arranjos culturais e morais e suas representações, tal como em parte apresentei acima.

O segundo ponto diz respeito à história longa das práticas sociais e das representações biomédicas que forjaram a maternidade a partir do século XVIII, contexto em que o ato sexual e sua relação com a gravidez normalmente caminharam juntos, mesmo se houvesse bastante desconhecimento a respeito dos gametas e se muitas das discussões políticas e morais foram desenvolvidas sob a égide da diferença dos corpos, marcada politicamente por uma hierarquia e valoração desigual, que logo se transportava para um entendimento a respeito do caráter e do lugar social da mulher como de menor valoração. No iluminismo, a base epistêmica para prescrições sobre a ordem social foi o dimorfismo e a divergência biológica. Desde este lugar, fez-se todo um esforço para compor discursos, descrições, imagens, atributos aos corpos femininos e dentre eles, seguramente estava a maternidade.

Se o corpo da mulher torna-se misterioso diante das inúmeras manifestações que apresenta e se um dos maiores mistérios passa a ser sua histeria que se manifestava nos períodos de gravidez e na menstruação, se ele é um corpo instável, hipersensível e, apesar disso, é o espaço de procriação da humanidade, a feminilidade será nestes contextos observada em suas curvas, no seu arredondado, nas ancas desenvolvidas e nos seios generosos, que também caracterizaram a maternidade. Assim, como na ordem natural das coisas, será a mulher mãe e produtora de muitas crianças em contextos de industrialização, de guerras e de escassez de nascimentos, sobretudo. Segundo Rodhen (2001), os médicos, neste contexto, também forjavam suas bases científicas e interventivas no ideal de beleza para as mulheres, delineada pelas

virtudes que lhes convinham e assim, a natureza fornecia à medicina boas evidências para orientá-la no modelo de mãe que deveria ser usado para produzir o equilíbrio físico, mental e moral da mulher. Desde este *especulum*, o que ia se revelando era uma representação centrada na tradicional divisão entre natureza e cultura e que remetia a mulher ao campo de uma linguagem a respeito de um ser biológico incapaz de transcender sua própria história. O útero como seu órgão exclusivo torna-se o grande marcador da diferença e o grande condicionador do lugar social da mulher. Intimamente associado ao papel social de ser mãe, era confiado às mulheres, através desse órgão, a missão de gerar e de dar à luz. Ao mesmo tempo, ele era a expressão da tirania sobre as mulheres e sobre sua sexualidade porque comandava todo o seu corpo e suas emoções. (MARTINS, 2004).

A necessidade da maternidade

Ainda se no século XIX começou-se a recorrer a outras experiências para as condições de vida da mulher e, se as relações foram se modificando e contradizendo, a definição dos papéis de mãe e esposa permaneceu fortemente arraigada, sendo retomada, em muitos momentos históricos e, para muitos contextos, no século XVIII; ainda se as mulheres comessem a fazer parte do número de trabalhadores empregados nas fábricas e se as mulheres das classes sociais mais altas mostrassem vontade de ter atividades fora do lar, a feminilidade e tudo o que a ameaçava permanecia sendo construída como um problema quando fora da maternidade. A educação às mulheres era restrita e o debate público, mesmo se permissivo ao casamento mais tardio, não se descolou das ideias sobre a necessidade de maternidade para elas. Essas representações persistiram ao longo do século XX, mesmo com a entrada da contracepção. E o fato é que, pelo menos uma vez na vida, uma mulher devia ser mãe. Ainda segue-se pensando que se deve ser mãe, e, se não o for nunca, de alguma maneira estará fora da representação. Em reprodução assistida este é um lugar de provocação, na medida em que estão imbricadas as questões de escolhas, de direitos

e as práticas coercitivas. No que diz respeito à biomedicina, o útero, as diferenças entre os gametas e as representações, segue-se apontando a necessidade de maternidade como experiência fundante e imprescindível para uma mulher heterossexual, casada, que quer um filho. Também permanecem como marcadores da feminilidade e do lugar social da mulher, sobretudo da mulher em relação heterossexual. O critério da sexualidade heteronormativa figura como fundador e mantêm-se como base prioritária da intervenção biomédica. As representações compartilhadas pelos casais resultam de uma interpretação híbrida entre a ideia de que um filho é um pouco da genética de cada um, e uma obra de arte de ambos, como resultado de um processo de conjugabilidade e seu projeto. O filho aparece entre casais heterossexuais por mim entrevistados, como um capital narcísico e emocional e como a possibilidade de transcendência sanguínea e cultural.

Filho: prova de amor mútuo

Tanto no casamento heteronormativo quanto no homoafetivo, também aparece um desejo de que o filho complete um projeto de vida e que ele seja expressão de uma prova de amor mútuo. Porém, a ideia do instinto materno também é muito forte tanto para mulheres como para médicos, biólogos, embriologistas, geneticistas, técnicos de laboratório que entrevistei. E isso justifica as razões de muitas das intervenções biomédicas. A ovodoação, embora possibilite melhores condições clínicas frente à idade avançada das mulheres, frente a não resposta ovariana, ou frente a uma enorme quantidade de problemas no processo dos tratamentos. Reforça o valor da maternidade, acentuando sua essencialização na medida em que traz várias mulheres para a relação com a coleta, a preservação e a confecção de embriões. Diferente é a perspectiva, na gravidez de substituição, mas ainda assim, trata-se do valor da maternidade. As tecnologias conceptivas são um campo de opções para as mulheres que escolhem a maternidade como um projeto de vida e que têm dificuldades, ou que a desejam para mais tarde em seu

“Nada será tomado como mais desnatural do que uma mãe que se desfaça de sua cria (criança)”

projeto pessoal ou conjugal. Concomitantemente, possibilitam o reforço cultural da ideia de que se eu não for mãe agora, o serei mais tarde. Se não der nesta relação vai dar na outra, se eu não puder ser com meus óvulos haverá uma doadora, ou um banco de óvulos. Frente a este conjunto de práticas, intervenções e representações profundamente engajadas na ordem simbólica da mãe, será preciso coragem para dizer não, seguir com outros caminhos e encarar a maternidade como uma escolha pertencente ao campo da autonomia das decisões, da liberdade, do conhecimento e da ética de si.

IHU On-Line – Qual pode ser a ética fronteiriça entre estimulação ovariana para a reprodução assistida e a intervenção na sexualidade e na reprodução humana?

Marlene Tamanini – Hoje, evidentemente que o nascimento de uma criança, neste contexto da reprodução assistida, não é um acontecimento do desejo sexual, ou do acaso no intercurso de uma relação sexual, desde onde se pode, ou não, ter troca de prazeres sexuais. Este processo está nos caminhos da clínica e do laboratório, e embora estas buscas sejam narradas como buscas dos caminhos do desejo e a espera, ou as expectativas e as respostas positivas sobre as gravidezes sejam intensamente celebradas, o desejo é por filhos que começam no laboratório. Começam nas provetas da fertilização *in vitro*, nas incubadoras para embriões, que são cuidados, alimentados, *scaneados*, biopsiados e estes fatos animam muitos empreendimentos em pesquisa também. Evidentemente, este contexto impõe uma série de antigas e

novas reflexões. Como aspectos preocupantes e fronteiriços talvez os mais importantes digam respeito a que se utiliza hoje, muita doação de gametas porque esta prática está fora da relação sexual, e é controlada por procedimentos laboratoriais e clínicos que são também mercadológicos. No momento em que ocorre a doação, não há como prever, imaginar ou antecipar sentimentos futuros, que poderão se colocar em um outro tempo da vida, considerando-se especialmente que a maior convocação à doação de gametas é dirigida aos jovens. Estes aderem como a uma causa considerada nobre, a de ajudar alguém. Esses/as doadores/as geralmente também não refletem muito a respeito de que esta não é uma doação de sangue e, portanto, faz um/a filho/a, e pode gerar processos de perfilhação, a depender da lei ou do país em questão. Dessa doação nascerá um novo ser humano com suas características genéticas. Muitos afirmam que a genética está superada, e as clínicas utilizam este argumento para incrementar a doação, mas neste contexto exige-se que se coloque a pergunta: Por que tantos movimentos entre os nascidos do anonimato para saber sobre sua origem se a genética não conta? Seria porque esta cultura já está preparada para a multiparentalidade e revelar o doador não agride mais o pai? Revelar a doadora não cinde as representações sobre a mãe? Isto porque elas estão focadas no parto e no dar a luz? Seguramente, no caso da mãe, estas representações têm muitos fundamentos, mas, no caso do pai, desestabiliza ainda mais os poucos existentes.

A questão do anonimato

Por que em muitos países, não é o caso de outros, insiste-se tanto na regra do anonimato? É muito importante considerar que, ao contrário de uma barriga de substituição, ou de aluguel, as/os doadoras/es transmitem 50% da carga genética ao futuro bebê, e que, portanto, os requisitos na hora da seleção dos doadores devem ser rigorosos para as clínicas e seus especialistas, conforme me relataram. Mas penso que também deveriam ser mais bem discutidos os conteúdos da manutenção do anonimato. Os especialistas me disseram,

no caso de Barcelona¹ que as agências de doadoras contam com uma grande quantidade de perfis de todo tipo, assim como de múltiplas combinações inter-raciais para atender necessidades de diversos tipos de pessoas. Mas não falaram em momento algum que os participantes desses processos poderiam ser assumidos abertamente como coparticipantes, colaboradores, com funções diferentes da dos pais, e que se poderia considerar a multiparentalidade social e familiar, já que ela tem pressupostos fundados na troca de materiais genéticos, embora careça de reconhecimentos nas trocas sociais e legislativas. (THERY, 2009). Eu diria que, para além disso, não estão sendo colocadas muitas questões sobre o futuro desses processos.

Quando perguntei a respeito da quebra do anonimato da doação, foram unânimes em dizer que o anonimato é uma condição de segurança em relação à filiação e ao futuro dessa relação no seio da família onde essa criança está nascendo. Perguntei se a doadora poderia reivindicar a maternidade, me disseram que toda mulher doadora assina um termo de compromisso de que não fará isso, não buscará saber onde foi parar o óvulo que doou. O mesmo ocorre com o doador de sêmen. Essas mulheres entram nesta rede prestando um chamado serviço aos casais, ou às mulheres e/ou para homens em situações diversas. Elas fornecem diretamente materiais reprodutivos às clínicas, e estes materiais podem servir a outros fins, podem circular entre as clínicas também, e são vendidos em alguns países. De outro lado, em todos os casos, a relação que as doadoras estabelecem com este ato parece não estar inserida em representações sobre o seu próprio materno, e sim dizem respeito ao materno de outras. Dar algo de si, algo de que não precisam e ganhar algum dinheiro, conforme etnografia de Bestard e Orbitig, (2009).

Conflitos sobre as filiações no futuro

Penso, porém, que para além dessas questões acima expostas, es-

1 Entrevistas realizadas na clínicas de Barcelona durante o pós-doutorado em 2010, como bolsista Capes do governo brasileiro. (Nota da entrevistada)

sas decisões sobre doar gametas podem vir a se constituir em conflitos sobre as filiações no futuro, ou esta pessoa que doa na juventude pode vir a ser ela própria necessitada de recepção de gametas no futuro, em algum outro momento. Nesse caso, a menos que se mude radicalmente a compreensão de família, e isso atinja muitas das esferas das percepções sociais, não se pode pensar que uma doação hoje, não tenha consequências amanhã. Sobretudo, se ocorrer que o nascido reivindique o direito a sua identidade genética, por exemplo, ou se o doador produzir alguma autorreflexão sobre seu caminho e suas novas necessidades, em outro momento da vida. O anonimato, até o presente, tem sido utilizado como um importante sistema de reforço à doação de gametas, seja de óvulos seja de sêmen. Mas o fato é que, se as percepções de filiação não forem ampliadas para outros significados relativos aos vínculos de parentesco e com novos arranjos dos processos de filiação que contemplem vínculos sociais, afetivos, emocionais para além do fundamento biológico, ficará difícil resolver os conteúdos dos conflitos escondidos nos segredos.

Ainda, faz-se necessário considerar que a presença de um doador de espermatozoide esbarra em uma experiência de masculinidade do receptor, que é sexista, demasiado machista e que insiste em sua marca genética e que vive mal com a ideia da doação/recepção. No caso brasileiro, nossas normativas são recomendações, generalistas demais; elas carecem de critérios mais específicos sobre a doação de gametas. Critérios que considerem melhor a exploração de doenças, um marco jurídico regulador da medicina que contemple com mais cuidado a doação de óvulos, seus conteúdos, o dinheiro, a gratuidade, as coações, as coerções, o engano, as mentiras e a finalidade. Critérios de confidencialidade, de similitude fenotípica e imunológica entre a doadora e a receptora, o doador e o receptor. Não faltam dúvidas e suspeitas sobre os critérios de seleção do material, sobre quem faz, como se faz, em que circunstâncias se faz? Sob que pressões se faz? Quantos são os usos do mesmo gameta? Faltam registros nacionais, vigilância e

controle. É preciso estabelecer maior transparência sobre as formas de criopreservação e para que fins elas são realizadas: se são para a preservação da fertilidade, prevenção de esterilidade secundária em casos de doenças tais como câncer, quimioterapia, radioterapia, vasectomia, ausência da presença física do companheiro, ou outras práticas.

IHU On-Line – Em que sentido a reprodução assistida se insere em uma biopolítica genereficada, altamente rentável, em conexão com os processos biotecnológicos e com a conformação entre desejo, ciência e tecnologias?

Marlene Tamanini – A tecnologia funda-se na ideia sobre o quanto a natureza necessita de assistência. Ela pode ajudar a natureza a superar sua falha, isto é, a fazer o que ela não teria condições de fazer naturalmente. Este é um ponto central na mudança do significado cultural sobre a reprodução. Sua importância está na legitimação e na naturalização da assistência científica e tecnológica ao processo reprodutivo, preferencialmente heteronormativo. Os problemas com a infertilidade são igualmente muito relevantes. Segundo informações da Organização Mundial da Saúde, havia, em 2006, de 60 a 80 milhões de casais inférteis pelo mundo. Hoje se fala de 70 a 80 milhões de casais. Vale ressaltar que em muitos países a infertilidade masculina superou a feminina. No Brasil estima-se que haja 2,5 mil² casais inférteis e que a infertilidade masculina esteja em torno de 1,2 milhões. Nos relatos encontrados em clínicas, 8% dos homens em idade reprodutiva procuram auxílio médico com queixa de infertilidade. Em muitos sites de clínicas consultados por mim, e para uso neste texto, me reporto ao site da Sociedad Española de Fertilidad – SEF³, como parte das fontes de dados coletados em 2010 e atualizados em 2012. A idade, o estresse, o álcool, a obesidade, o cigarro, os distúrbios emocionais são apontados como fato-

2 Disponível em: <<http://www.slideshare.net/sandroesteves/o-que-importante-avaliar-na-era-icsi-e-imsi>>. Acesso em: 17 jun. 2012. (Nota da entrevistada)
3 Aceso em: <http://nuevo.sefertilidad.com/index.php> (Nota da IHU On-Line)

res que estão contribuindo para o aumento da incapacidade de conceber. De outro lado, excluídos os fatores de interação externa ao corpo, a idade materna segue avançando e segue sendo apresentada com frequência como um dos fatores epidemiológicos mais importantes. Combater estes fatores, por vezes, parece ser o mote assumido pelos especialistas.

Um negócio internacional reprodutivo

Outro aspecto a ressaltar é que se consolida um importante negócio internacional reprodutivo, não só visando as mulheres em conjugalidade heterossexual, mas também casais, homens, pais e mães homossexuais, solteiras/os, lésbicas e ou heterossexuais. Estes dois últimos grupos compõem nos EUA em torno de 60% dos demandantes por práticas e materiais reprodutivos. Trata-se de um fenômeno que se ancora no anonimato, já que, com ele, pode-se manter a condição de compradores e consumidores. Permitem-se usar critérios ligados à aparência, ao nível educacional e à estabilidade emocional na seleção de material reprodutivo. Epidemiologicamente falando, somam-se critérios de faixa etária, que é estabelecida mais ou menos na mesma cronologia em todos os países. Seja entre 21 a 31 anos de idade, pode-se ser doador/a. Este critério, idade cronológica, se junta à saúde comprovada, não uso de drogas, boa altura e livre de DSTs/HIV. Estudo realizado na Espanha, durante o ano de 2008 a 2009, percebeu que o perfil da mulher espanhola doadora de óvulo era de 27 anos, com nível de estudo médio e trabalhadora do setor de serviços. Solteira, com companheiro estável, sem filhos que tomava precauções na hora de manter relações sexuais. Em geral, não bebiam álcool, nem consumiam drogas e baseavam seu gesto de doar em motivos altruístas, sobretudo em um sentimento de solidariedade. Normalmente tinham conhecidos com dificuldades para terem filhos, o que as motivava a doar óvulos; muitas já eram doadoras de sangue. Os homens tinham 29 anos, nível de estudo universitário, principal motivação era a econômica, solteiros, com companheira, sem filhos, usavam

“O útero como seu órgão exclusivo torna-se o grande marcador da diferença e o grande condicionador do lugar social da mulher”

preservativos, não consumiam álcool nem drogas⁴.

Questões preocupantes

Na crítica a esta biomedicina formulada em várias esferas sociais, sobretudo entre aqueles/as que privilegiam a adoção frente aos desafios do controle e do estabelecimento de uma legislação, existem muitas questões preocupantes no que diz respeito à doação, recepção, preservação e circulação de gametas. Por exemplo, dos 675 bancos de esperma nos EUA, os doadores com graus mais elevados de material doado fazem mais dinheiro por doação, chegando até 500 dólares por ejaculação⁵. Quem não tem curso superior recebe até 60 dólares. Dependendo da mobilidade do esperma e dos seus nadadores um doador pode fazer até 60 mil dólares durante dois anos que é o tempo máximo que as clínicas norte-americanas usam um doador.

A indústria em geral calcula 100 milhões anuais com a venda de esperma. Segundo a ABC News no final de

4 GARCÍA M.; SANCHEZ S.; YUS, A.; ANTI-CH M.; FERTILAB, Lafont M. Institut Català de Fertilitat, Barcelona.

Estudo realizado por Fertilab e apresentado no V Congreso Nacional de ASEBIR (Asociación para el estudio de la Biología de la Reproducción). Disponível em: <<http://blog-palma.andreusera.com/?p=48>>. Acesso em: 10 out. 2010. (Nota da entrevistada)

5 NEWTON, Jay. Small. Frozen Assets. *Time Magazine*, vol. 179, n. 145, 16 de abril, p. 32-35, 2012 (Nota da entrevistada)

2005, EUA registrou os quatro bancos de esperma maiores do mundo e estes controlavam 65% do mercado global. Estes bancos usam critérios rigorosos de qualidade e de seleção de produtos e o FDA exige testes para a venda. Igualmente testa-se o histórico médico e da família em três gerações. De outro lado, a população americana é diversa e este é um fator propulsor porque possibilita o atendimento de mercados vários, também quase sempre se permite a opção pelo anonimato, o que faz com que outros países comprem dos americanos.

Por estes relatos e por outros conteúdos, a doação de sêmen, além de estar vinculada com o mercado, continua envolta em grandes desafios, como o é para a prevenção da fibrose cística. Também o é para questões relativas às perguntas a respeito de um herdeiro biológico remoto que poderia querer uma declaração de paternidade contra um pai doador mais tarde, ou fazer reivindicações contra os ativos de patrimônio. Os tribunais americanos decidem estas questões em favor do melhor interesse da criança. Sobre como ter sido doador influenciado mesmo quando ele decide ter sua própria família, seus filhos, e se essas crianças vão querer encontrar a tribo dos seus meios-irmãos espalhados por aí é uma questão em aberto. Para muitos doadores a tentação de saber o que a sua “loucura” produziu pode ser poderosa. Esta é uma indústria jovem e pode trazer dores no jogo do esperma. Estes problemas podem ser para a vida toda. O FDA não tem limites quanto ao número de descendentes que um doador possa ter, mas a maioria dos bancos diz que se limitam a 25 ou 30 crianças. Existem evidências de que essas diretrizes podem ser frouxas e que um banco não tem maneiras de saber se um doador visitou várias clínicas ou vários bancos. Além disso, muitos indivíduos podem criar seu próprio negócio com doação gratuita. Em todo caso, o mapeamento genético pode fazer as coisas mais transparentes do que costumam ser, independentemente de quais sejam as regras do anonimato e de qual questão temporal, de quem sejam os doadores, os pais, e o que as crianças dos doadores e seus pais decidirem fazer com esta informação, que

está ajudando a redefinir o conceito de família na aldeia global.

A tecnologia voltada à reprodução humana mudou significativamente nos últimos 15 anos. Essa tecnologia se expandiu e se reproduziu por meio de novos saberes, novas especialidades, novos protocolos, novas legislações, novos argumentos valorativos, novas práticas sociais sobre a família e a filiação, novas dinâmicas na idade reprodutiva, novas formas de obter materiais reprodutivos e de outros arranjos reprodutivos sociais e laboratoriais. Desde esta dinâmica, não estou falando somente de casais, mas de técnicas, protocolos, saberes, materiais e embriões. De outra parte, são processos que também contam nas condições demográficas e políticas dos países, a quantidade de bebês nascidos destas tecnologias não é pequena. E as razões desses nascimentos, com esses processos de intervenção, estão conectadas com as práticas biopolíticas e bioeconômicas de como circulam materiais reprodutivos e maternidades. Também produzem relações com a economia, com os mercados, entre os países e suas legislações.

IHU On-Line – O que os projetos de maternidade e paternidade propostos como felicidade para os casais e para o fazer modelos de família com filhos pode dizer sobre a cultura dos sujeitos contemporâneos?

Marlene Tamanini – Esta pergunta exige pensar sobre uma série de conteúdos valorativos para as diferentes interfaces de um mesmo tema.

Em primeiro lugar, devo dizer que indivíduos se engajam com aspectos da vida, ou no caso com as tecnologias reprodutivas, porque alimentam projetos e crenças. São indivíduos interessados e dispostos a dar uma nova ordem a sua vida, dentro de um rol de prioridades: ter bens e, em seguida ter filhos, quando os bens forem suficientes para tal. Para estes indivíduos, sobretudo para estas mulheres, assumir uma reprodução assistida é buscar uma nova fonte de vitalidade e, em muitos casos, é a última tarefa importante que deverá ser cumprida para que a mulher se constitua como mulher e seu companheiro encontre seu lugar na relação. Isso é uma das tarefas importantes da razão pela qual

o casamento existe neste contexto. Se este casamento não for fértil, muitas mulheres dizem que melhor seria buscar um filho do que um marido.

Em segundo lugar, devo ressaltar que estes indivíduos mulheres estão posicionados em uma relação umbilical com os mundos clínicos. E estes seguem demarcando experiências muito diferentes relativas ao corpo reprodutivo, sua temporalidade, seus processos de intervenção, de escolhas, de cuidados e de direitos. Muitas delas favorecem decisões biomédicas interventivas porque se conectam aos desejos.

Terceiro, estes aspectos, cada vez que são apresentados na mídia, objetivam-se com os desejos e o imaginário sobre a vontade e as possibilidades que são vislumbradas pelos indivíduos, como sujeitos que são, de um exercício reflexivo de si, capaz de buscar informações e de recortar aquelas que mais lhes interessam, sem pesar necessariamente os riscos a respeito de suas decisões. Esta atitude é mais fortemente encontrada nas mulheres quando se trata de fecundidade, reprodução e expectativas sobre filhos e tratamentos para tê-los. Isso se explica por que a maternidade segue definindo-a, e a maternidade ocupa um lugar fundador do seu ser, que só desta maneira tem uma identidade reconhecida no cerne deste tipo de percepção. Esta se refere à ordem reprodutiva e, em reprodução assistida é a maternidade que a define, ainda que as circunstâncias atuais dos estudos tenham marcado importantes mudanças relativas à família e à sua organização. E ainda que as relações vinculadas à conjugalidade e ao parentesco se encontrem bastante mais inseridas nos valores democráticos da igualdade entre os sexos e, em muitas organizações sociais, políticas, econômicas, familiares, educacionais, de saúde, de direitos e de coparticipação na cidadania.

IHU On-Line – Em que sentido podemos afirmar que fazer um filho nos diversos arranjos permitidos pela reprodução assistida significa produzir um remédio (o filho) para uma doença (a infertilidade) e para as muitas situações de anomalias sociais, pessoais, familiares?

Marlene Tamanini – Este é um contexto de medicalização reprodutiva e, é por isso, que eu venho afirmando que filho é encarado como um remédio. Ele resolve parte dos estigmas a respeito da infertilidade ainda presentes. Faz corresponder às expectativas sociais em relação ao casamento fértil, estabelece redes de parentesco biológico e garante a classificação de uma mulher como mulher, sobretudo como hétero na ordem simbólica da mãe. Todo este esforço, desde a perspectiva de gênero, de onde eu falo, também se mostra paradoxal, na medida em que o interesse por gametas vem crescendo de maneira descolada do corpo reprodutivo. Muitos são os estudos e as especialidades hoje que se voltam para os gametas, principalmente sobre o sêmen. Fala-se dele como um ser vivo por si mesmo. Diz-se dele como anda, como mexe, como têm falhas na cabeça, como tem uma cauda feia e pequena, que não se move, como é preguiçoso, como está parado, tem duas cabeças, é pequeno, cheio de vacúolos, é ruim, não existe ou é frágil. Costumo dizer que parece gente, este líquido. São muitas as qualificações e, muito raramente, se procede, de fato, a uma abordagem sobre a infertilidade masculina, considerando seu sentido mais complexo, tal qual pode ser a trajetória afetiva, sexual e reprodutiva deste homem ao longo de sua vida. Se ele teve filhos, ou não, em outras relações, por exemplo. Isso poderia, em certas circunstâncias, indicar algo.

Essa situação não parece se apresentar assim focada no físico do gameta, no caso das mulheres. Seus óvulos são classificados como sendo dela, na qualidade de um sujeito portador de problemas. Seus óvulos são ruins, seu ovário não funciona, a culpa é de sua idade reprodutiva, é de seu estilo de vida, sempre voltado ao trabalho, e é por ter escolhido demais, por não ter buscado um casamento ou um companheiro mais cedo. É de seu estresse ou de sua condição emocional, de sua incapacidade de viver com alguém. Ou, infelizmente, é considerada uma árvore sem frutos, sendo a responsável pelo infortúnio do marido que não pode ser pai. Elas estão sempre sob julgamento, inseridas no sistema

de crenças e ritos como indivíduos morais. É sua índole, sua capacidade emocional, seu equilíbrio moral que está em questão, antes de suas células. Ainda que do ponto de vista laboratorial sejam realizados muitos exames e que, literalmente, elas sejam viradas do avesso, com intervenções cirúrgicas e terapias hormonais, só são resgatadas moralmente quando mães. Assim, a maternidade é feita parte constitutiva de sua identidade, em um contexto, desde onde o entendimento de identidade é o de identificação, e desde este lugar as mulheres se subjetivam com este conteúdo, na ordem simbólica que compartilham muitas sociedades e grupos.

Frequentemente estas mulheres, passam a se sentirem doentes, se não forem mães. Penso, porém, que esta forma de identidade por identificação com a maternidade compulsória não deveria ser a norma, nem ser exercida sob coerção. A maternidade deveria ser parte de processos, de um campo de escolhas. Então, o sujeito mulher poderia escolher ou agir por subjetivação na norma, mas com a exata consciência de que outros caminhos são possíveis. E, neste caso, a escolha se colocaria como uma inserção, e logo a subordinação cultural não seria sua força.

IHU On-Line – A maternidade, como uma escolha pertencente ao campo da autonomia das decisões, da liberdade, do conhecimento e da ética de si das mulheres, ainda se coloca frente a atender a um processo de naturalização e essencialização, ou a ser uma escolha como parte de sua autonomia?

Marlene Tamanini – Acredito que, em primeiro lugar, ainda será preciso encarar a maternidade como parte do trabalho da sociedade, tanto cultural como simbólico, metafórico e afetivo e colocá-la sob a ótica política, no sentido de que, com ela, a mulher exerce empoderamento. Esta posição poderia contribuir para desconstruir a insistência sobre uma determinada constituição do ser feminino e de sua compleição. Essa instância poderia estar fora da essencialização de uma vida e ocupando um lugar nas escolhas, nas possibilidades, mas nunca o da imposição. Em segundo lugar, a re-

produção assistida conta com dinâmicas da cultura e da sociedade em geral, com sistemas de representação, para envolver, seduzir, oferecer e permitir o tratamento de homens e de mulheres, embora ambos se encontrem em temporalidades e exigências culturais, relacionais e familiares muito diferentes. Assim, fazem-se necessárias pesquisas amplas e interdisciplinares para trazer à luz estas diferentes dinâmicas. Terceiro, sobre a doação de óvulos, os problemas de saúde são em muitos países bem controlados durante todas as etapas até a coleta dos óvulos; mas isso não garante que essas mulheres não venham a ter algum problema mais tarde. Problemas causados pelos hormônios, ou de outra ordem. Essas questões são processos em aberto e sobre muitas delas nada sabemos. Portanto, é preciso pensar a respeito. Na América Latina, ainda aparece grande resistência à inseminação de mulheres solteiras e a família é pensada por referência ao pai. As legislações não existem, e quando existem são pobremente informadas, ou são resoluções, como é o caso do Brasil. Elas contêm princípios generalistas e corporativistas.

Existem hoje inúmeras práticas clínicas e tecnológicas; seus conteúdos, as disposições, a indicação de uso, as circunstâncias do uso, os processos de decisão sobre seu uso, seus riscos e suas consequências necessitam de legalização, visibilização e diálogo informado. A sociedade precisa participar desta discussão e a interdisciplinaridade das perspectivas é fundamental. O conteúdo das práticas necessita de regramento, visibilidade, esclarecimentos e controles. Muitos conteúdos são desconhecidos do campo externo à medicina envolvida, e são em boa medida até negados, não são considerados como importantes, no sentido ético, pela sociedade. Esses aspectos acima trazem significativas dificuldades, tanto para os especialistas quanto para os usuários frente à tomada de decisões e às condições para fazê-lo. Regrar as condutas biomédicas, amparar e esclarecer as decisões dos casais e das mulheres é uma necessidade, e esses conteúdos não podem seguir sendo tratados como casos isolados. Faz-se urgente uma legislação nacional.

Referências

- ATLAN, Henry. *O útero artificial*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 128 p
- BESTARD, Joan, OROBITG, Gemma. Le paradoxe du Don anonyme. Signification des dons d'ovules dans les procréations médicalement assistées. In: GENÉ Enric Porqueres I. (direction). *Défis contemporains de la parenté*. Paris: Éditions de L'École des hautes Études em Sciences Sociales. 2009. p. 277-301.
- IACUB, Marcela. *L'empire du ventre: pour une autre histoire de la maternité*. Paris: Fayard, 2004.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino. A medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004
- ROHDEN, Fabiola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. RJ: Fiocruz, 2001.
- THERY, Irène. "El anonimato en las donaciones de engendramiento: filiación e identidad narrativa infantil en tiempos de descasamiento". *Revista de Antropología Social*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, v.18, p.21-42, 2009.
- WALDBY, Catherine. 'Oocyte Markets: Women's Reproductive Work in Embryonic Stem Cell Research'. Australia: University of Sydney, *New Genetics and Society*, n. 2. v. 1, p. 19-31, 2008. Disponível em: <<http://www.informaworld.com/smpp/title~content=t713439262>>. Acesso em: 20 set. 2010.
- WALDBY, Catherine; COOPER, Melinda. The female body and the stem cell industries. *Feminist Theory, University of Sydney*, n. 11, v. 1, p. 3-22, 2010. Disponível em: <<http://www.sagepublications.com>>. Acesso em: 10 de jan 2011.

Leia mais...

>> Marlene Tamanini já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**.

Confira:

- *Imbricações entre as tecnologias de reprodução assistida e a cultura da maternidade*. Publicada na edição número 413, de 01-04-2013, disponível em <http://bit.ly/XVJvSs>

>> Ela também é autora dos **Cadernos IHU ideias** número 189, intitulado "Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero".

A recíproca relação entre tecnologia e sociedade

“Hoje muitas mulheres já não têm mais como objetivo da sua vida a maternidade. Elas já encontraram outras formas de realização pessoal”, pondera Marília Gomes de Carvalho

POR GRAZIELA WOLFART

Ao pensar na questão das transformações sociais nas duas últimas décadas, a pesquisadora Marília Gomes de Carvalho coloca as mulheres como um dos elementos centrais da chamada “revolução das mulheres”. “É claro que isso se deu até em função de novas tecnologias”, explica, na entrevista que concedeu por telefone para a **IHU On-Line**. Para Marília, a dependência feminina que as mulheres tinham em relação aos homens (marido, pai, irmão) é algo que hoje não existe mais. “Essa autonomia muda muito as relações sociais, principalmente as relações de gênero. É claro que isso tem relação com a tecnologia. Os meios de transporte, por exemplo, são cada vez mais eficazes. Basta pensarmos no automóvel. Perceba a diferença na vida de uma mulher que tem um automóvel, que dirige seu próprio veículo, que vai aonde quiser, com a rapidez que

não iria nunca se estivesse dependendo que alguém a levasse”.

Marília Gomes de Carvalho possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná, mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Está aposentada como professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde exerce a categoria de docente/pesquisadora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. Atua na área de dimensões socio-culturais da tecnologia. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia – Getec do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quando pensamos na relação entre tecnologia e sociedade, quais poderiam ser mencionadas como as principais implicações sociais do desenvolvimento tecnológico?

Marília Gomes de Carvalho – Tecnologia e sociedade têm uma relação recíproca. Ao mesmo tempo em que a tecnologia transforma as relações sociais, por sua vez as próprias relações sociais criam necessidades de novas tecnologias. Dentro dessa visão, poderíamos pensar em diversas áreas de transformações sociais associadas à tecnologia. Por exemplo, na área da medicina existem tecnologias

que estão atendendo às necessidades sociais, mas também transformando as relações sociais. Temos nessa área toda a questão das tecnologias reprodutivas, que tratam da reprodução assistida, da fecundação *in vitro*, dos embriões produzidos fora do corpo, e que estão atendendo às necessidades das pessoas que não têm filhos. Ao mesmo tempo, há mudanças e diferenças de relacionamento nas famílias. A família hoje está cada vez menor em relação ao número de filhos. Mas ainda existe uma necessidade grande de tê-los. E quando isso não acontece, recorre-se a essas tecnologias para que solucione seus proble-

mas. Toda essa área da reprodução acaba modificada, nesse caso.

Outra questão é a da longevidade. A vida humana hoje está cada vez mais prolongada. Temos uma população de idosos que está aí graças à tecnologia. Essa população têm necessidades sociais específicas e, com elas, surgem várias formas de atendimento, desde entretenimento para idosos até a questão do atendimento à saúde, da convivência dessas pessoas, que antigamente ficavam isoladas.

Outro exemplo é a vida urbana, que hoje está bem mais acentuada do que a vida rural. Até pouco tempo, a maior parte da população vivia

no campo. Hoje ela está concentrada em cidades grandes, e a população cada vez mais acumulada no mesmo espaço. Naturalmente, a vida social é diferente, porque enquanto a população é mais rarefeita as pessoas se procuram umas às outras para práticas de solidariedade em função da própria situação de isolamento. Na vida urbana, existe uma grande concentração na qual as pessoas não podem ficar interferindo na vida umas das outras, o que seria o caos. Surge um individualismo exacerbado para que cada um cuide da sua vida. E assim mudam as relações sociais. Ao mesmo tempo em que há todo um aparato tecnológico garantindo essa concentração urbana de uma maneira relativamente “em paz”.

Cito também o exemplo da cultura do consumo, que igualmente é um resultado do desenvolvimento tecnológico. Ao mesmo tempo, as pessoas querem novos produtos, e aí surge um consumismo acentuado, porque a vida humana hoje, principalmente nas grandes cidades, gira em torno do consumo. O shopping center nas grandes cidades é um dos elementos fundamentais. As pessoas vão ao shopping para comprar produtos que rapidamente são considerados ultrapassados. Depois de um ano de uso ninguém mais quer seu telefone celular, seu computador, e descarta para comprar outro novo. As crianças já crescem assim, com essa preocupação em comprar. Essa exigência de consumo faz com que se produzam novos produtos e novas tecnologias.

Mais um exemplo é a ideia da transitoriedade na vida social. Se antigamente adquiriríamos produtos “para toda a vida” as relações eram vistas da mesma forma. Existe um conflito frequente hoje entre os valores sociais (que seriam a maior durabilidade das relações, dos produtos) e os valores pós-modernos (que se caracterizam por esse imediatismo e essa transitoriedade).

IHU On-Line – Quais as principais transformações sociais resultantes da Revolução Industrial que mais se acentuaram nas duas últimas dé-

“Ao mesmo tempo em que a tecnologia transforma as relações sociais, por sua vez as próprias relações sociais criam necessidades de novas tecnologias”

cadadas, principalmente envolvendo o universo feminino?

Marília Gomes de Carvalho – Ao pensar na questão das transformações sociais nas duas últimas décadas, coloco as mulheres como um dos elementos centrais da chamada “revolução das mulheres”. É claro que isso se deu até em função de novas tecnologias. Há autores, como o sociólogo francês Alain Touraine¹, que defendem que hoje a grande revolução é a revolução das mulheres. Porque elas trouxeram grandes transformações sociais juntamente com as mudanças no papel feminino. Falando de maneira geral, a mulher hoje já não se limita ao trabalho da maternidade e do ambiente doméstico. Isso tudo trouxe grandes implicações no mercado de trabalho. Com isso, as mulheres se desenvolveram na vida profissional, sendo que as tecnologias permitem que elas possam fazer o trabalho em casa, por meio do computador, da

internet, e que elas possam se comunicar mais rapidamente, caso saiam de casa, com a sua família através da telefonia celular, a todo momento. Isso vem oferecendo às mulheres uma certa autonomia financeira, o que resulta em uma autonomia de modo geral, que elas nunca tiveram antes. Aquela dependência feminina que as mulheres tinham em relação aos homens (marido, pai, irmão) é algo que hoje não existe mais. Essa autonomia muda muito as relações sociais, principalmente as relações de gênero. É claro que isso tem relação com a tecnologia. Os meios de transporte, por exemplo, são cada vez mais eficazes. Basta pensarmos no automóvel. Perceba a diferença na vida de uma mulher que tem um automóvel, que dirige seu próprio veículo, que vai aonde quiser, com a rapidez que não iria nunca se estivesse dependendo de alguém a levasse.

Outra mudança dentro do âmbito da feminilidade é a questão da maternidade. Hoje muitas mulheres já não têm mais como objetivo da sua vida a maternidade. Elas já encontraram outras formas de realização pessoal.

IHU On-Line – Que desafios se colocam à concepção do termo feminilidade e como a revolução tecnológica contribui para as transformações nesse conceito?

Marília Gomes de Carvalho – A primeira coisa que vem à minha cabeça é o desafio de tentar definir feminilidade. O que é ser mulher? Com todas essas mudanças que relatei na vida das mulheres, o que é ser feminina? O que posso dizer é que não podemos falar em feminilidade no singular. Há várias feminilidades, várias maneiras hoje de ser mulher. A feminilidade são características que definem o que é ser uma mulher. Não podemos esquecer que, graças ao movimento feminista, hoje se questionam muitas características das mulheres que antigamente eram tidas como “naturais”, essenciais, próprias das mulheres. E não necessariamente são. Por exemplo, o movimento feminista questiona a subalternidade das mulheres. Ou

¹ **Alain Touraine:** sociólogo francês, conhecido por ter sido o pai da expressão “sociedade pós-industrial”. Ele já concedeu algumas entrevistas à **IHU On-Line**. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu). De suas obras, citamos Um novo paradigma - Para compreender o mundo de hoje (Porto Alegre: Vozes, 2006). (Nota da IHU On-Line)

seja, será que seria uma característica feminina ser submissa, subalterna, dependente? Não existe hoje a possibilidade de as mulheres tomarem na sua mão o seu destino, a construção da sua vida? Outra questão do movimento feminista, colocando sob a crítica a questão da feminilidade, são as relações de poder e de gênero. As relações de poder entre homens e mulheres estão em grande transformação e colocando em xeque as relações de poder previamente estabelecidas. Nem sempre hoje as mulheres são subordinadas aos homens. Elas têm condições de serem totalmente independentes. E questionam também esse poder masculino, porque a referência da construção da nossa sociedade foi sempre com o homem. De certa forma, nos leva a pensar no nosso mito de origem, da costela de Adão, que cria uma maneira de pensar de que as mulheres estariam “sob as asas” dos homens. Outro questionamento do movimento feminista é a divisão sexual do trabalho, tanto no trabalho doméstico, quanto na vida profissional. Temos hoje profissões que jamais as mulheres assumiriam antigamente, como pilotar um avião, ou envolvendo o trabalho na área da mecânica, da mineração. É uma maneira de ser feminina também. Ela pode ser uma engenheira mecânica sendo mulher, sem se transformar em um homem. Essa questão da feminilidade associada às transformações tecnológicas tem muita relação com a transformação da mulher.

“Será que seria uma característica feminina ser submissa, subalterna, dependente? Não existe hoje a possibilidade de as mulheres tomarem na sua mão o seu destino, a construção da sua vida?”

Gostaria de ilustrar esse elemento da diversidade, das várias formas de ser mulher. Se pensarmos na pluralidade de feminilidades, perceberemos que temos alguns sinais que são extremamente diversos do que é ser feminina: a mulher submissa, a mulher carinhosa, a mulher caprichosa, a mulher dengosa, a mulher chique, a mulher maquiada, a mulher sensual, a mulher piriguete, a mulher comportada, a mulher guerreira. A diversidade é a característica dos nossos dias.

IHU On-Line – Como se constituem atualmente os processos de feminização e masculinização? Como se estabelecem as relações sociais de gênero e suas interfaces com outras relações sociais, especialmente as de poder?

Marília Gomes de Carvalho – A construção do masculino e do feminino são construções sociais – com base, naturalmente, nas diferenças biológicas, que não podemos negar. Em primeiro lugar, gostaria de lembrar a pluralidade. Em nossa sociedade não existe uma única forma de construção das mulheres. Isso está relacionado com todo o processo de socialização e formação. E a escolaridade tem grande influência nessa construção da feminização.

Em relação à educação tecnológica, é importante acentuar a importância de ter no currículo dos cursos da área tecnológica uma perspectiva crítica da sociedade em que vivemos. As pessoas que estudam cursos da área da tecnologia possuem uma noção de determinismo tecnológico, de que é a tecnologia que vai determinar como será a vida, como as pessoas vão produzir e o que irão produzir. A pergunta é: produzir para que, para quem? Quais as consequências sociais da atuação na área tecnológica? O que está acontecendo com o meio ambiente, com as pessoas? Todos têm acesso a essas descobertas? Por que algumas têm acesso e outras não?

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

O corpo como um lugar de luta, de transgressão e resistência

Para Carolina Ribeiro, ao retratar hipergêneros, os filmes pornográficos *mainstream* acabam criando estereótipos que reforçam costumes e ideais na mente das pessoas e extrapolam a pornografia, reforçando uma sociedade também machista e sexista

POR GRAZIELA WOLFART

Ao ser questionada sobre a relação entre tecnologia e cinema e sua contribuição para a construção da feminilidade contemporânea, a mestranda em Sociologia Carolina Ribeiro considera que “as tecnologias representam e são representadas. Elas promovem um duplo processo de arquétipos da feminilidade: ela é construída pela sociedade, mas também a constrói, trabalhando com as reflexões mais fechadas do que acontece no âmbito social, pois, ao mesmo tempo em que tecnologia coloca a possibilidade de aproximar os personagens da vida com as imagens da tela, ela tem limite de tempo e de recursos que muitas vezes achata a vida real a simples e supérfluas imagens do que queremos ou podemos ser enquanto mulheres e homens, refletindo tal poder nos comportamentos e muitas vezes nas escolhas de gênero”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, ela fala sobre

sua pesquisa com filmes pornográficos, em especial a pornografia feminista, que busca retratar um sexo a partir de uma visão feminista de diretoras ou produtoras mulheres, trazendo outras vozes para indústria pornográfica. “A proposta é fazer um ‘bom pornô’, que tira a ideia do sexo como o exclusivamente para o olhar e apreciação masculina”, explica. E conclui: “assim como no cinema, as revistas femininas achatam as complexidades humanas representando as imagens das mulheres como homogêneas, quando, na verdade, seres humanos são uma amplitude de desejos, identidades, formações e subjetividades”.

Carolina Ribeiro Pátaro é mestranda do Programa de Sociologia da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Possui licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais pela UNESP Araraquara.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que sentido a relação entre tecnologia e cinema implicam na construção da feminilidade contemporânea?

Carolina Ribeiro – A tecnologia é parte fundante do cinema. Destaco dois momentos especiais de revolução por parte do cinema e dos filmes que marcaram o mundo visual: o advento do videocassete e a internet. Foi a partir dos videocassetes que a relação entre os espectadores e os filmes se tornou próxima, íntima, e com muito mais opções para se alugar ou comprar. Já a internet populariza, de forma legal e ilegal, os

mais diversos tipos de filmes (cults, pornográficos, *mainstream*, etc.). A partir da tecnologia da internet se torna possível acessar de sua casa, a qualquer momento, qualquer tipo de imagem que se deseja, seja ela pirata ou paga. Esses dois momentos também popularizam tipos do feminino, estereótipos e arquétipos de qual tipo de mulher ou mulheres eram boas (ou não) para serem filmadas. A popularização dos filmes promoveu também a popularização de arquétipos. Tal forma está diretamente ligada à evolução das tecnologias e a facilidade de acesso a elas.

Arquétipos de feminilidade: *femme fatale*

Destaco, então, quatro arquétipos de feminilidade que estão exacerbados no cinema, assim como podem ser vistos na mídia em geral: a *femme fatale*, a histérica ou a bruxa, a rainha do lar e a mocinha em perigo. Esses tipos são construções do que é e de como é “ser mulher”. O primeiro arquétipo é a *femme fatale* ou “loira burra”, que não necessariamente é loira, mas usualmente é retratada como burra; aquela vulgarmente conhecida como uma mulher com peitos, mas sem cérebro, a coelhinho da

Playboy, a coadjuvante em filmes de ação. A *femme fatale* é aquela que usou tecnologias para melhorar o corpo, como silicones, cirurgias plásticas, usa roupas curtas, justas, sensuais e sensualizadas. As técnicas de filmagem favorecem seus atributos físicos. É a mulher relacionada à “puta”, algumas vezes destruidora de lares, outras a desejada, desejada sexualmente pelos homens e motivos de inveja de outras mulheres, que gostariam de ser iguais a ela.

A histérica ou a bruxa

A histérica ou a bruxa, embora não seja sempre a mesma pessoa, pois a bruxa muitas vezes é relacionada à feiura e a histérica pode usufruir da beleza, têm coisas em comum: completo descontrole emocional. São relacionadas com a súcubo, aquela que suga a masculinidade dos homens com a sua loucura ou a extrema depressão, aquelas que coloquialmente se diz que “vai ficar para titia”. Ela pode ser a viúva que ainda anda de preto por todos os lugares chorando e sofrendo a morte do marido, ou a jovem frígida, ou a velha virgem com milhares de gatos.

A rainha do lar e a mocinha em perigo

A rainha do lar é a “mulher ideal”, retratada nos comerciais de margarina, que está feliz em seu papel de esposa e mãe, faz seus “deveres femininos” com perfeição, lava, passa e está sempre “atrás de seu marido”. Por fim, a mocinha em perigo é aquela que está aguardando o seu homem macho salvador. São as princesas dos contos de fadas, como a Branca de Neve aguardando o beijo do seu príncipe. Nas mais diversas formas, ela é a sonhadora, aquela de beleza estonteante, mas que jamais se dá para qualquer um, pois ela espera o “homem ideal”.

Mulher independente

Nos últimos anos, vimos também, com o aumento das mulheres trabalhadoras, a diminuição dos casamentos e a maternidade como opcional, o surgimento de um novo arquétipo nas mídias. Esse também se tornou possível pela facilidade de acesso das

mulheres às tecnologias filmicas e como espectadoras. Esse novo arquétipo é o da mulher independente, ela é marcada por trabalhar, ter uma vida sexual ativa, ser desenvolta, ou seja, “uma mulher do século XXI”. Como marco principal temos a série *Sex and The City*¹, que mostra os arquétipos das mulheres modernas, fissuradas na beleza do corpo, nas compras e também na sua liberdade. Elas procuram o “amor” das mais variadas formas, mas são todas mulheres de uma nova era. Elas podem ir e vir e se divertir com muito mais liberdade.

Algumas vezes essa imagem de mulher emancipada depois da primeira vista se torna um retorno aos quatro arquétipos anteriormente descritos, passando a imagem de que “no fundo nada mudou”. Mas nem sempre tal retorno acontece. Algumas vezes a mulher emancipada é mesmo retratada como emancipada.

Resumindo essas visões, resalto o que disse John Berger: “os homens atuam e as mulheres aparecem. Os homens olham as mulheres. As mulheres veem-se sendo olhadas. Isso determina não só a maioria das relações entre homens e mulheres, mas ainda a relação das mulheres entre elas. O fiscal que existe dentro da mulher é masculino: a fiscalizada, feminino. Desse modo, ela vira um objeto – e mais particularmente um objeto da visão: um panorama.” (BERGER, Modos de ver, 1999).

Assim as tecnologias representam e são representadas. Elas promovem um duplo processo de arquétipos da feminilidade: ela é construída pela sociedade, mas também a constrói, trabalhando com as reflexões mais fechadas do que acontece no âmbito social, pois, ao mesmo tempo em que tecnologia coloca a possibilidade de aproximar os personagens da vida com as imagens da tela, ela tem limite de tempo e de recursos que muitas vezes achata a vida real a simples e

supérfluas imagens do que queremos ou podemos ser enquanto mulheres e homens, refletindo tal poder nos comportamentos e muitas vezes nas escolhas de gênero.

IHU On-Line – A partir de sua pesquisa com o cinema pornográfico, que imagem do feminino aparece nesse tipo de filme?

Carolina Ribeiro – Se falarmos de um cinema pornográfico convencional, ou dominante, ou *mainstream*, que resumindo brevemente são os filmes pornográficos feitos por grandes ou pequenas produtoras que têm foco no sexo penetrativo heteronormativo no intuito da venda com lucro, podemos dizer que esses filmes são notadamente conhecidos especialmente pelo estereótipo de beleza propagado: mulheres loiras, morenas ou ruivas, com seios grandes siliconados, nenhuma gordura na região abdominal, completamente depiladas, com unhas longas e bem pintadas, sem celulites ou estrias e raramente tatuadas. Também faz parte desse estereótipo as lingerie belgas e saltos altos (que se mantêm durante o ato sexual). A encenação sexual possui um roteiro base: sexo oral feito da mulher no homem, penetração vaginal normalmente com a mulher por cima ou com as pernas bem abertas, sexo anal e a ejaculação, que muitas vezes acontece fora do corpo da atriz, muito comumente em seu rosto ou em sua boca. Essa mulher é a hiperfêmea, que tem seus atributos de feminilidade ressaltados e está sempre disposta para o sexo a qualquer momento, em qualquer lugar, ela é a mulher que geme e grita para demonstrar seu prazer. Ela é a estrela do filme, mas o protagonista é o falo masculino. Outros tipos de mulheres, como mulheres gordas, mulheres negras (que aparecem em alguns filmes *mainstream*, mas de forma mais pontual), travestis, entre outros possíveis corpos femininos, aparecem em filmes específicos que tem a proposta de retratar tais corpos como “diferenciados”.

IHU On-Line – Como conceituar a ideologia “pornô feminista”?

Carolina Ribeiro – Como ideal, a pornografia feminista busca retra-

¹ *Sex and the City* (Sexo e a Cidade, no canal TBS do Brasil): série de televisão americana baseada num livro com o mesmo nome de Candace Bushnell, Scott B. Smith e Michael Crichton. Foi originalmente transmitida nos Estados Unidos da América pela cadeia HBO, de 6 de junho 1998 até a 2 de fevereiro de 2004. (Nota da IHU On-Line)

tar um sexo a partir de uma visão feminista de diretoras ou produtoras mulheres, trazendo outras vozes para indústria pornográfica. A proposta é fazer um “bom pornô”, que tira a ideia do sexo como o exclusivamente para o olhar e apreciação masculina. O Prêmio de Pornô Feminista diz que para um filme ser feminista precisa de três fatores: 1) ter mulheres e/ou pessoas tradicionalmente marginalizadas envolvidas na direção, produção e/ou concepção da obra; 2) o trabalho deve retratar o prazer genuíno, agência e desejo de todos os artistas, especialmente mulheres e as pessoas tradicionalmente marginalizadas; e 3) o trabalho deve expandir os limites da representação sexual no filme, desafiar estereótipos e apresentar uma visão que define o conteúdo, além da pornografia *mainstream*. Além disso, ressalto que a pornografia feminista é um campo imenso e muito amplo. Um primeiro movimento feminista de cinema pornô surgiu com Candida Royalle, em 1984. Então, embora o movimento esteja se popularizando agora, a ideia não é nova e um tipo de pornografia para mulheres já existe desde a década de 1980.

IHU On-Line – Quais as características do corpo feminino e masculino nessa nova modalidade de filme pornô?

Carolina Ribeiro – A diversidade de corpos é uma das principais características de todos os filmes pornôs feministas: são biomulheres, bio-homens, transmulheres, trans-homens, corpos *queer* de forma ampliada. Você pode encontrar o corpo que desejar dentro da pornografia feminista e da diversidade de diretores. Falando mais especificamente da diretora que estou pesquisando, Erika Lust, que diz que retrata corpos de pessoas “reais”, na análise dos filmes percebi que, embora os corpos sejam bem mais múltiplos que em um pornô *mainstream*, a diretora retrata a maioria de corpos brancos, magros, alguns com tatuagens ou piercings, mas a maioria dentro do que se coloca como “normal” para mulheres e homens. Destaco que os homens são, na maioria, com corpos sarados e bem torneados, dando pouca margem de pluralidade aos

“Cada um é livre para escolher o que quiser fazer com seu corpo”

corpos de homens, o que é um dado interessante e diferenciado de filmes pornôs *mainstream*, que muitas vezes não se preocupam com os corpos masculinos.

IHU On-Line – O que faz parte de uma nova forma de abordar a sexualidade para as mulheres do século XXI?

Carolina Ribeiro – Estamos vendo um novo e importante movimento nos últimos anos, intitulado no Brasil de “Marcha das Vadias”, um movimento político e social que traz bandeiras importantes, como “meu corpo, minhas regras”. Considero que esse é um momento paradigmático de levante político sobre a sexualidade, levantes contra estupros, a favor do aborto, a favor de cada pessoa vestir e sair de casa como quiser. Esse é um momento importante aos debates da sexualidade e um movimento que marca um novo levante de rua que acontece em diversas partes do mundo. Essa é uma das formas de abordar a sexualidade.

Outra abordagem importante a ser destacada é a das teorias *queer*, propondo que nossos corpos, desejos, sexos e identidades são construídos socialmente e que cada um é livre para escolher o que quiser fazer com seu corpo; é escancarar a sexualidade como política, de fazer do corpo um lugar de luta e um lugar de transgressão e resistência; é a ideia de desarticular o que parece tão naturalizado, e dizer que corpos, sexualidades e desejos não são automaticamente ou naturalmente conectados e binários, mas que todos são construídos socialmente, sendo assim, podem ser desconstruídos. Considero o movimento *queer* um dos mais paradigmáticos, tanto social, política e teoricamente das últimas décadas.

IHU On-Line – Quais são os padrões impostos pelos filmes pornográficos até então vistos e dominantes no ramo?

Carolina Ribeiro – Antes de qualquer coisa, vale ressaltar que estamos falando de filmes que são prescritivos, ou seja, feitos a partir de um olhar que impõe de forma unilateral uma visão de mundo e sexualidade. A pornografia *mainstream* é prescritiva a partir de um olhar masculino e muitas vezes machista e sexista. Os padrões colocados nos filmes pornográficos *mainstream* surgem, então, a partir desse olhar. Tanto os homens quanto as mulheres são retratados como potentes máquinas de sexo, com suas características, seja feminina seja masculina, extremamente exacerbadas. Os homens são máquinas viris de sexo, com pênis sempre eretos e desejosos a todos os momentos. As mulheres são fêmeas liberais que gostam de sexo penetrativo e mantêm seus cabelos, corpos e lingerie intactamente no local, mesmo com uma relação sexual “animalesca”. Mas vale lembrar que os filmes pornográficos *mainstream* são filmados e todas as cenas são feitas de forma a valorizar a penetração, o centro do filme é o falo, ele é o protagonista, e o corpo feminino a estrela, então são essas duas partes que as câmeras vão focar. As cenas de sexo com pernas muito abertas vão valorizar a cenas penetrativas, o rosto, as feições não são partes da grande maioria desses filmes. Ao retratar esses hipergêneros, os filmes pornográficos *mainstream* acabam criando esses estereótipos que reforçam costumes e ideais na mente das pessoas e extrapolam a pornografia, reforçando uma sociedade também machista e sexista.

IHU On-Line – Podemos afirmar que esse tipo de filme promove a violência de gênero, em especial contra mulheres?

Carolina Ribeiro – Não há uma relação direta. São muitos fatores e a pornografia não é uma única responsável pela violência contra as mulheres, nem mesmo violência sexual. Tal visão vem das feministas antipornografia, que lutavam por eliminar o que elas chamavam de um “mal da

sociedade”. Contudo, concordo com a pesquisadora Maria Filomena Gregori quando ela lembra que a questão principal é pensar por que cabe ao corpo feminilizado, seja um corpo biologicamente mulher ou homem, o papel de violado, ou seja, por que a pornografia convencional coloca sempre o corpo com atributos femininos retratado como aquele que é o passivo, o imoral, o sujo e o corpo do macho com atributos masculinos como o penetrador, ativo e viril. A pornografia é mais um dispositivo tecnomasturbatório que visa excitação.

IHU On-Line – Que conceito de feminino e de feminilidade emerge das páginas das revistas femininas?

Carolina Ribeiro – Revistas femininas são muitas. Podemos começar a pensar na revista *Casa e Jardim* e sua busca de domesticidade do feminino, a mulher do lar, decoradora, inspirada pela sua vida dentro do ambiente doméstico. Podemos falar também das revistas como *Capricho* ou *Atravida* para jovens mulheres, que ensinam como se relacionar com homens, como lidar com a suposta inveja de outras mulheres, como se vestir para ser desejada e para atrair os olhares. As revistas como *Claudia* e *Nova*, nas que me deterei aqui, constroem uma visão de mulher a partir dos estereótipos mais normativos na sociedade. Assim como as outras revistas anteriormente citadas, têm o objetivo de vender; quanto mais venda, maior o lucro, sendo assim um produto de uma indústria cultural de massa capitalista. Tais revistas trabalham com um ideal de mulher. Embora consideradas “moderna”, trazem diversas reiterações da feminilidade, trabalhando sempre temáticas muito similares,

“Corpos, sexualidades e desejos não são automaticamente ou naturalmente conectados e binários, mas que todos são construídos socialmente, sendo assim, podem ser desconstruídos”

como beleza (com a ideia de como cuidar dos cabelos, da pele, as dietas do momento) ou trazem formas de “como conquistar um homem” ou então “como manter um homem”, roupas e acessórios que estão na moda, dicas para se dar bem no trabalho e, algumas vezes, como educar os filhos ou como ser uma mãe presente e uma profissional de sucesso. Assim, já podemos ver um padrão de para quem essas revistas são feitas, para mulheres heterossexuais, adultas, com um padrão de vida médio a alto, que querem constituir uma família.

A revista *Claudia* foi caracterizada por Juliana do Prado, em sua

dissertação de mestrado, como a revista para mulheres casadas e com filhos, enquanto a *Nova* é a revista com propostas sexuais mais ousadas. Essas identidades são projetadas e projetam um tipo de mulher, ou mulheres: casada com filhos, ousada e expansiva sexualmente, adolescente encanada e preocupada, enfim, assim como na pornografia, que é um produto da indústria cultural tão próxima de outros produtos como o cinema e as revistas, o duplo movimento de representar e ser representado também acontece aqui. Mas assim como no cinema, as revistas achatam as complexidades humanas representando as imagens das mulheres como homogêneas, quando, na verdade, seres humanos são uma amplitude de desejos, identidades, formações e subjetividades. Não há nada escondido, não há um desejo feminino ou masculino único a ser revelado, não existe resposta correta, mas sim posicionamentos múltiplos de vida e o que cada indivíduo deseja ou não ser. Essas revistas, embora achatem as identidades, estão longe de captar alguma “essência” da identidade feminina, porque na verdade essas identidades não passam de construções sociais que estão sempre se moldando e sendo moldadas por aparatos de saber e poder. O maior problema que aponto para essas buscas de identidade única, ou de um desejo unificado do que as mulheres querem, é que ignoramos as diferenças e invisibilizamos as outras vozes. Pensando num mundo de ideais, o ideal seria que a variedade e a pluralidade fossem valorizadas, e não a busca por achar o cerne da feminilidade ou da masculinidade supostamente escondidos.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

“Tecnologia ainda é coisa de homem, mas isto está mudando”

A internet e o ambiente digital colocam novos temas para a agenda feminista: as brechas de acesso das mulheres à internet e à cultura digital, as brechas à educação tecnológica, as brechas de acesso à produção de tecnologias, aponta Leonor Graciela Natansohn

POR GRAZIELA WOLFART

Para a professora Leonor Graciela Natansohn, a violência no ambiente digital não se dá apenas nas representações das mulheres e dos gays e lésbicas, “mas mediante o controle que se exerce sobre as mulheres mediante telefones celulares, acesso a dispositivos de vigilância (GPS, câmeras, etc.), chantagem emocional para conseguir senhas de acesso aos sítios pessoais da web e dos e-mails, assédio e sedução nos sítios de redes sociais (onde crianças e adolescentes são vítimas de abusadores e pedófilos) e a exposição da intimidade das mulheres, mediante divulgação não autorizada de vídeos e fotos”. Na entrevista concedida à **IHU On-Line**, por e-mail, ela afirma que “o corpo feminino é um objeto mercadológico de consumo predomi-

nantemente masculino (nas mídias, na prostituição, no trabalho menos pago e menos qualificado). É o lugar da reprodução humana (da gestação) e por tanto, é objeto dos mais caros (no duplo sentido) investimentos médicos e farmacêuticos. Também é o local da discriminação e da violência de gênero”.

Leonor Graciela Natansohn possui graduação em Jornalismo e Licenciatura em Comunicação Social pela Universidad Nacional de La Plata, Argentina, mestrado e doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da mesma instituição.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como se dá e por onde passa a interseção entre a Comunicação e o Feminismo? Quais as principais questões que envolvem a questão de gênero na cultura digital e no jornalismo?

Leonor Graciela Natansohn - O feminismo olha para o campo da comunicação há muitas décadas, apontando muitos espaços: o da mídia massiva e suas lógicas produtivas (a presença e ausência de mulheres na produção de cinema, TV, imprensa, etc.); nas mensagens midiáticas e suas representações, enviesadas pelo olhar masculino, e na recepção de mídias e o lugar das mulheres nesses processos, identificando formas de resistência e ressignificação

das propostas midiáticas e até usos complexos dos meios em função dos seus interesses. Mais a frente, a teoria queer amplia e transforma o escopo e a forma de entender as relações de gênero, e discute não apenas sobre as mulheres, senão sobre todos os arranjos de gênero (masculinidades, LGBT, etc.) em relação com a mídia e com outras determinações, como a raça, a nacionalidade, a classe.

A internet e o ambiente digital colocam novos temas para a agenda feminista: as brechas de acesso das mulheres à internet e à cultura digital, as brechas à educação tecnológica, as brechas de acesso à produção de tecnologias.

As representações misóginas e machistas na web são outra frente

de debate, e as violências também. A violência no ambiente digital não se dá apenas nas representações das mulheres e dos gays e lésbicas, senão mediante o controle que se exerce sobre as mulheres mediante telefones celulares, acesso a dispositivos de vigilância (GPS, câmeras, etc.), chantagem emocional para conseguir senhas de acesso aos sítios pessoais da web e dos e-mails, assédio e sedução nos sítios de redes sociais (onde crianças e adolescentes são vítimas de abusadores e pedófilos) e a exposição da intimidade das mulheres, mediante divulgação não autorizada de vídeos e fotos, para citar os temas mais recorrentes. Tecnologia ainda é coisa de homem, mas isto está mudando.

IHU On-Line - Qual o impacto que os programas televisivos sobre cirurgias plásticas e emagrecimento provocam no imaginário feminino contemporâneo?

Leonor Graciela Natansohn - Não creio no impacto direto da mídia sobre outros campos (a medicina, as mulheres, etc.) senão como um processo de circulação de valores, interesses e “imagens”, onde os meios participam a modo de “caixa de ressonância”, às vezes ocultando, às vezes ampliando, deturpando, modificando e direcionando os temas que são discutidos na sociedade. Num sistema midiático empresarial, sem controle de nenhum tipo - como é o caso brasileiro - cuja lógica é direcionada pelo mercado, não há de estranhar-se que promovam intervenções de alto valor agregado. Medicina privada, mercado e mídia são sócios e amigos.

IHU On-Line - Como se dá o processo de apropriação da cultura digital por parte das mulheres?

Leonor Graciela Natansohn - As mulheres demoraram a entrar na internet e nas tecnologias por causa da

discriminação que dificulta o acesso delas às carreiras tecnológicas, à cultura tecnológica, por um lado (pela suposta tecnofobia feminina), e aos usos domésticos, por outro, que consomem muito tempo de aprendizagem. O tempo é o que mais falta às mulheres. A dupla ou tripla jornada explica esta falta de tempo. Está gestando-se claramente nas mulheres a percepção dos meios digitais como o lugar de organização em redes, de comunicação entre pares, de informação e entretenimento. As mais velhas são o grupo que mais rapidamente está aprendendo a usar tecnologias. E as mulheres organizadas em grupos, também.

IHU On-Line - Quais os principais aspectos que caracterizam o desconhecimento prático e político das mulheres, em geral, em relação às tecnologias de comunicação e informação?

Leonor Graciela Natansohn - Medo (tecnofobia), pensar que isso “é coisa de homem”; não perceber a importância estratégica - para organizar-se, para conseguir emprego, para comunicar-se... O movimento

feminista pensava que o tema era coisa “secundária”, que havia outras prioridades na agenda (violências, desemprego, trabalho, etc.). Mas isso está mudando radicalmente nestes últimos tempos. Há uma percepção mais clara da capacidade transversal e a capilaridade da ação das e nas mídias digitais. Hoje já é uma questão de empoderamento das mulheres.

IHU On-Line - Como podemos compreender que “o corpo parece ser a âncora da mulher no mundo, sua razão de ser, para si mesma e para o outro, para o desejo do outro”? Qual a origem e as implicações dessa concepção?

Leonor Graciela Natansohn - Na ordem social (e na ideologia que a sustenta) o corpo feminino é um objeto mercadológico de consumo predominantemente masculino (nas mídias, na prostituição, no trabalho menos pago e menos qualificado). É o lugar da reprodução humana (da gestação) e por tanto, é objeto dos mais caros (no duplo sentido) investimentos médicos e farmacêuticos. Também é o local da discriminação e da violência de gênero.

Acompanhe o IHU no Blog



O feminismo e a luta comum contra as múltiplas opressões

Para Diana Maffía, “nenhum movimento emancipatório poderá ser assim considerado se não incluir a luta antipatriarcal entre seus objetivos”

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO: GRAZIELA WOLFART

“**A**s mulheres, por sua mera condição de mulheres, ficarão subalternizadas por um homem hegemônico. Mas esse homem é também rico, branco, educado, capaz, adulto e muitas outras condições que compõem um paradigma ‘androcêntrico’ (centrado na percepção e interesses de um homem poderoso) e não só sexista (...). É importante a consciência contemporânea do feminismo e de muitos movimentos emancipatórios sobre a necessidade de trabalhar em comum contra as múltiplas opressões”. A argumentação é da pesquisadora argentina Diana Maffía, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ela acredita que “o feminismo latino-americano está cada vez mais comprometido e mais consciente de suas lutas plu-

rais. É muito importante que não nos fechemos a estes debates, porque não podemos falar apenas e simplesmente ‘uma mulher’. Somos o que algumas feministas chamam ‘mulheres com sobrenome’, ou seja, mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres pobres, mulheres lésbicas...”

Diana Maffía é doutora em Filosofia pela Universidad de Buenos Aires – UBA, pesquisadora do Instituto Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidad de Buenos Aires e diretora do Observatório de Gênero na Justiça, do Conselho da Magistratura da mesma cidade. Sua página pessoal é <http://dianamaffia.com.ar/>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como são geradas as identificações e aspirações humanas com base na dicotomia do feminino/masculino, subjetivo/objetivo e emocional/racional?

Diana Maffía – O pensamento dicotômico é próprio da modernidade, quando se interpretam como condições antagônicas características próprias do ser humano. Segundo esta interpretação, o par de conceitos opostos esgota o universo do discurso (apagando a diversidade). E, além disso, funciona de maneira excludente (uma característica se sobrepõe à custa da outra). Esta interpretação organiza os espaços “público” e “privado” da sociedade, gerando uma vinculação entre o espaço público, a objetividade e a racionalidade, junto ao trabalho produtivo, em uma institucionalidade que é o Estado, por um lado. Por outro lado, há uma vinculação entre o espaço privado, a sub-

jetividade e a emotividade, junto ao trabalho reprodutivo, cuja institucionalidade é a família.

IHU On-Line – Em que sentido a dicotomia entre masculinidade e feminilidade são opostas e hierarquizadas?

Diana Maffía – Ao se interpretar dicotomicamente as sexualidades, o masculino e o feminino aparecem como antagônicos. Mas, além disso, toda diferença se interpreta em termos valorativos como “superior” e “inferior”. Assim, todos os aspectos do público se interpretam (até para algumas vertentes do feminismo) não somente como opostos, mas também como superiores ao “privado”. Quando se identifica o masculino com o público e o feminino com o privado, isso reforça a hierarquia entre homens e mulheres e dá um suporte de racionalidade para o Direito, a ciência e a política. Estas

instituições não admitirão mulheres, mas racionalizarão dizendo que, para participar nelas, se requer capacidade de racionalização, abstração e universalidade, o que as mulheres não possuem. É bom dizer que muitos homens também ficarão de fora com esse mesmo argumento (indígenas e afrodescendentes, por exemplo).

IHU On-Line – O que torna as mulheres como seres subalternos por sua condição? E o que as difere e aproxima dos outros seres subalternos?

Diana Maffía – As mulheres, por sua mera condição de mulher, ficarão subalternizadas por um homem hegemônico. Mas esse homem é também rico, branco, educado, capaz, adulto e muitas outras condições que compõem um paradigma “androcêntrico” (centrado na percepção e interesses de um homem poderoso) e não só se-

xista. É importante a consciência contemporânea do feminismo e de muitos movimentos emancipatórios sobre a necessidade de trabalhar em comum contra as múltiplas opressões. Não podemos (sobretudo na América Latina) desenvolver um feminismo emancipatório que não pense em questões de classe, etnia, cor e idade, por exemplo. Ao mesmo tempo, nenhum movimento emancipatório poderá ser assim considerado se não incluir a luta anti-patriarcal entre seus objetivos.

IHU On-Line – Como a senhora percebe o desenvolvimento do feminismo na América Latina nas últimas décadas?

Diana Maffia – Creio que há um grande avanço da autoconsciência e do fortalecimento de nossa percepção como latino-americanas, com nossas próprias identidades e necessidades. O feminismo latino-americano está cada vez mais comprometido e mais consciente de suas lutas plurais. É muito importante que não nos fechemos a estes debates, porque não podemos falar apenas e simplesmente “uma mulher”. Somos o que algumas feministas chamam “mulheres com sobrenome”, ou seja, mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres pobres, mulheres lésbicas, e um longo etcetera de subordinações múltiplas.

IHU On-Line – Como as mulheres contemporâneas relacionam a questão de gênero com sua subjetividade e a produção de conhecimento?

Diana Maffia – A epistemologia feminista, desde as últimas três décadas, tem desenvolvido o papel da subjetividade na produção de conhecimento. Não só de conhecimento cotidiano, como também nos padrões mais exigentes da produção científica. A subjetividade das mulheres e a dos homens tem diferenças, e quando se condicionam as características de valoração do conhecimento ao produzido por um grupo limitado de sujeitos, o resultado é excludente para quem não participou da sua construção. Ver a subjetividade não como algo antagonico, mas complementar da objetividade, como um modo de relação entre o sujeito e a construção coletiva da objetividade, permite também abrir outras possibilidades na reflexão epistemológica contemporânea.

IHU On-Line – Quais os principais desafios éticos que se colocam diante do processo criador de um ser vivo, tanto para a equipe médica quanto para os sujeitos envolvidos nos procedimentos?

Diana Maffia – Os problemas contemporâneos da bioética estão sempre vinculados à origem e ao fim da vida humana, e ao sentido social

que estes momentos transcendentais adquirem em cada cultura. O debate deve pontuar as diferenças entre “ser vivo”, “ser humano” e “pessoa humana”. Identificar estes três conceitos implica em um pedido de princípio sobre o resultado do debate. Não se pode dizer que “a vida começa com a concepção, com a união de um óvulo com um espermatozoide”, e logo deslizar para o argumento da afirmação de que “o embrião é uma pessoa”.

Nos debates que incluem embriões (aborto, reprodução assistida, congelamento de gametas ou embriões, manipulação genética) é permanente este deslizamento. E também é enganoso restringir o debate ao embrião, quando muitas vezes está em jogo o corpo e a subjetividade das mulheres, inclusive o que se chama “vontade procriacional” dos/as progenitores.

Outro esclarecimento, que deveria se tornar desnecessário se pensarmos em equipes médicas ou comitês de bioética e que acaba relevante pela realidade política de nossos países (Brasil e Argentina), é que os argumentos religiosos têm o limite de sua freguesia, ou seja, só são determinantes para os/as crentes praticantes dessas religiões. De modo que devem ser respeitados, mas de nenhum modo impostos a toda população em países laicos. De outro modo nos converteremos em estados talibãs.

Acesse o Twitter do IHU em twitter.com/_ihu



Amar, ser, ter e estar. As relações de amor a partir da diversidade de gênero

Maristela Mitsuko Ono aponta como estereótipos de masculinidade a associação dos homens à esfera pública, força, autoridade, racionalidade, objetividade e virilidade; e de feminilidade a associação das mulheres à esfera privada, fragilidade, submissão, sentimentalismo, subjetividade, delicadeza e maternidade

POR GRAZIELA WOLFART

“**A**s diferenças biológicas percebidas desde que um ser humano nasce têm demarcado predominantemente uma visão binária sexual de ‘homem’ e ‘mulher’, embora não haja nenhum ser idêntico a outro. Tal perspectiva reducionista tem se refletido em relações sociais, representações e noções de gênero também reducionistas, como no caso de produtos concebidos e direcionados para ‘mulheres’ ou para ‘homens’, como se suas identidades fossem fixas, estáveis, com características e funções predeterminadas, desconsiderando sua complexidade e diversidade”. A reflexão é da professora Maristela Mitsuko Ono, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**.

Para ela, “apesar do comportamento de consumo não ser meramente passivo, a pesquisa e desenvolvimento de produtos, assim como o marketing, a publicidade e propaganda, têm ostensivamente influenciado a construção de referências culturais e identitárias, até no âmbito de gênero”.

Maristela Mitsuko Ono é doutora em Arquitetura e Urbanismo pela USP e mestre em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. É graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Atualmente, é professora no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como produtos automobilísticos e eletrodomésticos (como geladeiras e aparelhos de ar-condicionado) são influenciados e influenciam a reprodução, ou a mudança na criação de valores e práticas relacionadas à sociedade?

Maristela Mitsuko Ono – As culturas são dinâmicas e diversas para cada ser humano, tecidas em conjunção com as relações sociais. E os produtos, tais como os automobilísticos e eletrodomésticos, são expressões materiais que influenciam e são influenciados pelas culturas, promovendo tanto a permanência de certos valores e práticas individuais e sociais quanto sua transformação, na medida em que se inter-relacionam com

modos de vida. As geladeiras, por exemplo, que surgiram em vista da necessidade de facilitar a conservação de alimentos em baixa temperatura, independentemente da variação da temperatura ambiente, passaram a influenciar a organização e as práticas de consumo, conservação e preparo de alimentos no cotidiano, as relações sociais, econômicas e políticas, o meio ambiente, a dinâmica cultural, dentre outros sistemas inter-relacionados.

IHU On-Line – Como isso interfere também nas representações de gênero, a partir das manifestações da diversidade cultural e das representações generificadas nos próprios produtos?

Maristela Mitsuko Ono – O conceito de gênero, compreendido como uma construção cultural, abarca uma infinidade de noções no âmbito de sua complexidade, diversidade e dinâmica. Tais noções dependem do alcance de entendimento possível de cada ser humano, que, sendo também um ser social, é influenciado pelos valores e conhecimento que possui, assim como pela mentalidade, sistemas e modos de vida da época e da sociedade em que vive. As diferenças biológicas percebidas desde que um ser humano nasce têm demarcado predominantemente uma visão binária sexual de “homem” e “mulher”, embora não haja nenhum ser idêntico

a outro. Tal perspectiva reducionista tem se refletido em relações sociais, representações e noções de gênero também reducionistas, como no caso de produtos concebidos e direcionados para “mulheres” ou para “homens”, como se suas identidades fossem fixas, estáveis, com características e funções predeterminadas, desconsiderando sua complexidade e diversidade.

IHU On-Line – Em que medida o mundo do consumo reproduz as dicotomias do que é concebido e dirigido para “homens” e/ou para “mulheres”?

Maristela Mitsuko Ono – O mundo do consumo tem reproduzido extensivamente dicotomias do que é concebido e dirigido para “homens” e/ou para “mulheres”, reforçando determinados estereótipos. Um exemplo disso é o direcionamento da pesquisa e desenvolvimento de eletrodomésticos para mulheres, que reflete a atribuição do dever e da responsabilidade pelo trabalho doméstico a elas, como se isso lhes fosse algo natural e predestinado. Esta prática não raro tem causado sobrecarga de trabalho às mulheres, principalmente no caso daquelas que ainda se ocupam de outras atividades no âmbito privado e/ou público. Apesar das notáveis conquistas alcançadas pelos movimentos feministas, na defesa de direitos humanos relacionados a questões de gênero e na promoção da melhoria das relações sociais, observa-se ainda a reprodução de relações patriarcais, hierárquicas e excludentes. Apesar do comportamento de consumo não ser meramente passivo, a pesquisa e desenvolvimento de produtos, assim como o marketing, a publicidade e propaganda, têm ostensivamente influenciado a construção de referências culturais e identitárias, até no âmbito de gênero.

IHU On-Line – Que concepções sobre diferentes “mulheres” aparecem na sociedade do consumo?

Maristela Mitsuko Ono – Observam-se concepções de “mulheres” frequentemente estereotipadas, diferenciadas de acordo com determinados segmentos de mercados de consumo, com base, por exemplo, em

“Observa-se ainda a reprodução de relações patriarcais, hierárquicas e excludentes”

classificações de estilos de vida, faixas etárias, classes socioeconômicas, “modelos” de aparência física, dentre outras. Tais concepções reforçam problemas de exclusão e discriminação social, crises identitárias, entre outros. O uso de recursos tecnológicos como próteses em cirurgias plásticas, por exemplo, ilustram a busca de enquadramento em determinados “modelos” de aparência física, frequentemente ditados por variadas mídias que incentivam o consumo de produtos e serviços.

IHU On-Line – Como as representações de certos produtos e do marketing feito sobre eles acabam reforçando certos estereótipos de masculinidade e feminilidade? Que estereótipos são esses?

Maristela Mitsuko Ono – Estereótipos de masculinidade e feminilidade são observáveis em inúmeros produtos e marketing, que acabam por reproduzi-los e reforçá-los na sociedade. São exemplos de estereótipos de masculinidade a associação dos homens à esfera pública, força, autoridade, racionalidade, objetividade, virilidade, dentre outros. E de estereótipos de feminilidade, a associação das mulheres à esfera privada, fragilidade, submissão, sentimentalismo, subjetividade, delicadeza, maternidade, dentre outros.

IHU On-Line – O que seria uma perspectiva reducionista e determinista de gênero, desconsiderando seu caráter plural, dinâmico e variável?

Maristela Mitsuko Ono – A perspectiva reducionista e determinista de gênero relaciona-se comumente à sexualidade heteronormativa, baseada no reducionismo biológico de

sexos “feminino” e “masculino”. E, ainda, em relações, representações, organizações e práticas de poder na sociedade, com base na noção binária de “homem” e “mulher”, como se estes tivessem uma natureza fixa, estável, com características e funções predestinadas e específicas a cada qual. Desse modo, recai-se em noções de “homem” e “mulher” fundamentadas em juízos de valor e relações dicotômicas e hierarquizantes, sendo que a posição do “homem” ainda continua prevalecendo em muitos contextos. Desconsidera-se, assim, a diversidade de gênero, no âmbito de sua complexidade e das inter-relações tecidas com os contextos ambientais, culturais, econômicos, históricos, políticos e sociais, entre outros.

IHU On-Line – Como são as relações de amor e sexo entre homens e mulheres contemporâneos?

Maristela Mitsuko Ono – Esta é uma questão bastante abrangente, que instiga à reflexão sobre a relação entre *amar*, *ser*, *ter* e *estar*. Entendo que *amar* fundamenta-se no *ser*, e não no *estar* e *ter* determinada condição de sexualidade e relação com alguém. E, nessa perspectiva, as relações de amor, em sua (hiper) complexa tessitura, abrangem a diversidade de gênero, não se restringindo ao sexo entre “homens” e “mulheres”, seja com orientação hétero ou homoafetiva. Quaisquer fronteiras que se estabeleçam restringem-se ao *ter*, a classificações reducionistas e à “coisificação” ilusória do ser humano, da condição humana e das relações humanas. Ao considerar-se o livre arbítrio de cada ser humano como inexpugnável, também o *amor* assim pode ser compreendido, ainda que se reduzam as noções de gênero e o ser humano a determinada condição de *ter* e *estar*. Na contemporaneidade, muitas relações sociais têm priorizado o *ter* e o *estar*, em detrimento do *ser* e do *amar*. Assim, não raro se busca o que o outro alguém tem ou em que condição está, resultando em relações superficiais, egocêntricas e efêmeras. Enquanto que a interação com o *ser* possibilitaria vivenciar com maior profundidade e continuidade o *amor*.

Tema
de
Capa

**Destques
da Semana**

IHU em
Revista

Reportagem da Semana

O que vem antes do começo

POR RICARDO MACHADO

Essa é uma história que começa antes mesmo do começo. Parece estranho, mas explico. Tudo tem início há 12 anos quando Mônica, 32 anos, e Felipe, 35 anos,¹ começaram a namorar, há sete são casados. Nascidos, criados e crescidos em Porto Alegre, quando não estão trabalhando e praticando esportes, gostam de ficar em casa, olhando televisão bem sossegados e brincando com seus cachorros. Quando tudo isso fica enfadonho demais, gostam de interromper a rotina para viajar. Há aproximadamente três anos, o casal resolveu ter um filho. Descobriram, entretanto, que não seria tão simples assim: eles precisariam de ajuda da medicina. Era o começo antes do começo.

“A decisão de ter filhos foi algo bem natural, decidimos quando, do nada, resolvemos comprar um apartamento maior, com dois quartos, como se quiséssemos preparar nosso ninho. Isso foi em agosto de 2010. Resolvi parar a pílula, bem tranquila. Depois de tanto tempo juntos é mais do que natural que a relação evolua para a construção de algo ‘dois’”, conta Mônica. Depois de um ano de tentativas, resolveram fazer exames para ver se havia algo errado e descobriram que Felipe tinha azoospermia – quando nenhum espermatozoide é detectado no sêmen ejaculado. A notícia, como se pode esperar, não foi boa, mas nada que abalasse a confiança do casal e Felipe partiu para o tratamento.

¹ A pedido dos entrevistados, os verdadeiros nomes foram preservados. (Nota da IHU On-Line)

Homeopatia do tempo

Talvez o único remédio para todos os males, ainda que homeopático, seja o tempo. Com Mônica e Felipe não foi diferente. “Então, é tudo tão engraçado, estávamos conversando esses dias que o tempo cura tudo. Logo que parei a pílula, combinamos que não iríamos nos estressar se demorasse. Mas demorou, começamos a nos estressar e quando vimos que tinha algo errado ficamos arrasados. Na hora pensamos: ‘nunca iremos partir para este lance de fertilização’”, relata.

Com o tempo, o casal foi se informando mais sobre a reprodução assistida e se acostumando com a ideia. Mais de um ano depois da primeira tentativa, amadurecidos na decisão, eles decidiram pela fertilização *in vitro*, já que a inseminação artificial não foi possível devido ao baixo número de espermatozoides. Mesmo com a dificuldade de coleta de material, o casal insistiu; Monica tomou injeções diárias, passou por procedimentos e punções até que quatro embriões foram fertilizados. Dois deles transferidos para o útero de Mônica, em agosto de 2012, e os outros dois ficaram congelados.

“Eu pensei que o processo fosse mais dolorido e ruim, mas achei tranquilo. Costumamos dizer que o ruim da fertilização *in vitro* é que a pessoa precisa pensar... Porque se pensar muito, decide não colocar um filho neste mundo louco. Mas a gente estava lá, com quatro embriões lindos, prontos para se transformar em ‘filhos’. Loucura, né”, descreve Mônica.

Tentativas

Depois de cinco semanas da primeira transferência de embrião, Mônica perdeu o filho, o que, segundo ela, é comum quando se trata da primeira gravidez e, por isso, disse que não pôde se abalar demais. “Se pensarmos friamente a chance de dar certo na primeira fertilização é muito pequena. Nesse sentido, estávamos com sorte. E além do mais, desta primeira fertilização ainda tinham dois embriões. Depois de um mês do aborto espontâneo já colocamos um embrião congelado que não deu certo e, na sequência, o outro que também não deu certo. Tudo isso em 2012”, recorda.

Após esta sucessão de tentativas, o casal resolveu descansar a cabeça, sair de férias e pensar nisso no começo deste ano. A rotina de médicos, exames e procedimentos começaria novamente. Um resultado nada agradável apontou que Felipe estava com zero presença de espermatozoides. Uma das soluções seria retirar diretamente dos testículos, o que foi um baque forte para os dois. “E se não houver nos testículos, não temos mais de onde tirar, aí não temos chance de ter um filho nosso. Imagina se realmente descobrirmos que não podemos ter um filho?”, questiona-se Mônica.

O cenário nada animador fez com que os dois tivessem uma conversa séria, e Felipe, em um dos gestos mais sublimes de amor, questionou se sua esposa ainda estava disposta a encarar todas essas batalhas. Afinal, ela poderia ter filhos. “Óbvio que é complicado, mas a resposta é simples: eu quero um filho dele, ele foi o homem que escolhi

para ser o pai do meu filho”, respondeu Mônica. Tudo isso é muito recente e Felipe está fazendo um tratamento para tentar uma boa amostra, visando uma segunda fertilização que o casal pretende fazer ainda este ano.

Motivação

Pessoas, mais do que qualquer outra coisa, motivam pessoas. E é, justamente, na história de outros casais que obtiveram sucesso na fertilização *in vitro* que Mônica e Felipe se inspiraram e encontram alegria de sorrir em busca do sonho deles. “A maior alegria é pensar que o esforço vai gerar algo nosso e saber que, mesmo com tudo isso, nos curtimos e continuamos firmes, juntos e fortalecidos”, destaca Mônica.

Apesar das dificuldades, o casal se sente privilegiado por poder ter acesso às tecnologias de reprodução e por poder pagar por isso. “Primeiramente nos sentimos azarados, mas depois com sorte. Sorte de podermos usufruir deste tratamento que é caro e que infelizmente não está disponível

para todo mundo”, avalia o casal. No Brasil, somente a partir de maio 2013 que os procedimentos de reprodução assistida foram incluídos na lista de atendimentos do Sistema Único de Saúde – SUS, e apenas oito hospitais² atendem a demanda em todo o país.

Adoção

Mônica e Felipe contam que já pensaram em adotar, mas que desistiram. “Adotar também não é um processo fácil. Com certeza, pai e mãe é

quem cria. Isso é fato e que no final, como diz um amigo meu, vale o prazer da criança brincando contigo e te chamando de pai ou mãe, mas adoção é um processo tão complicado quanto a fertilização”, considera Mônica. Eles não descartam, mas primeiro querem esgotar todas as possibilidades de reprodução assistida.

“Sabemos que ter filhos não é fácil e nos questionamos muitas vezes sobre isso. Será que vai valer a pena? Eu prefiro acreditar que sim, que este trabalho que estamos passando é apenas uma ‘amostra’ do que vamos ainda passar. Hoje é porque não conseguimos ter filhos. Amanhã será porque tivemos e ele ficou resfriado. Depois porque ele está mal na escola. Enfim, é a vida”, projeta Mônica.

Essa é uma história que ainda não começou, mas que, se depender da disposição e esforço de Mônica e Felipe, ela não terá somente um final feliz. O que se espera é que a primeira página dessa história seja assim: “E começaram felizes para sempre.”

² Conforme a portaria nº 3.149 do Ministério da Saúde, os hospitais que vão receber os recursos para procedimentos de reprodução assistida são: Centro de Reprodução Assistida do Hospital Regional da Asa Sul (HRAS), antigo HMIB, em Brasília, vinculado à Secretaria de Saúde do DF; Centro de Referência em Saúde da Mulher, antigo Hospital Pérola Byington, em São Paulo, vinculado à secretaria de saúde do Estado de São Paulo; Hospital das Clínicas de São Paulo; Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto (SP); Hospital das Clínicas da UFMG, de Belo Horizonte (MG); Hospital Nossa Senhora da Conceição, Porto Alegre (RS); Hospital das Clínicas de Porto Alegre (RS) e Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira - IMIP, em Recife (PE). (Nota da IHU On-Line)

Acesse www.ihu.unisinos.br/entrevistas e confira diariamente importantes debates conjunturais

The screenshot shows the website interface for Instituto Humanitas Unisinos. At the top, there is a navigation bar with the IHU logo, the website URL, and social media icons for Blog, RSS, Twitter, Facebook, and YouTube. Below this is a search bar and a horizontal menu with categories like 'Início', 'Sobre o IHU', 'Áreas', 'Notícias', 'Entrevistas', 'Publicações', 'Eventos', 'Cepat', 'Espiritualidade', and 'Entre em contato'. The main content area features an 'ENTREVISTAS' section with a sub-header 'As mais recentes entrevistas realizadas pela equipe do IHU. Confira uma nova entrevista por dia.' The featured article is titled 'Outono Indígena. Entrevista especial com Jorge Eremites de Oliveira' and is dated 'Segunda, 17 de Junho de 2013'. It includes a small image of a person and a quote: "O governo federal tem olhado para os povos indígenas com a lente do agronegócio, recebidos do movimento ruralista. Isso faz parte da lógica do desenvolvimento econômico a qualquer custo e atende a projeto político para a disputa de eleições futuras", diz o historiador. Below the article is a 'Compartilhar' button and a 'Comentários' section with a 'Leia mais' button. To the right, there is a 'NOTÍCIAS' sidebar with several news items: 'Em resposta à violência, manifestantes preparam maior protesto em São Paulo, hoje. Rio, Brasília e Belo Horizonte, também protestam'; 'Polícia atrai bombas contra manifestantes e famílias na Quinta da Boa Vista'; 'Protestos no Maracá: "Da Copa e a mão, e quero mais dinheiro para a saúde e a educação"'; '*Não queremos apenas circo. Queremos também pão, trunfo da justiça social', diz nota do CONIC'; and 'Maracá tem estreia conturbada em Copa das Condições'.

ACESSE AS REDES SOCIAIS DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

FACEBOOK



BLOG



TWITTER



Teologia pública

“A eminente dignidade dos pobres na Igreja”

“A América Latina pode ser considerada um filão para o cristianismo do futuro, mas vejo pelo menos duas grandes ameaças: o documento vaticano contra a Teologia da Libertação e o problema do celibato”, constata teólogo

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO: GRAZIELA WOLFART

Na concepção do teólogo espanhol José Ignacio González Faus, o capitalismo é um sistema fundado sobre a busca do máximo benefício e para o qual a propriedade privada é um direito primário e absoluto; “enquanto que, para o cristianismo, a propriedade privada é um direito secundário e relativo que só tem vigência na medida em que ajuda a cumprir outro direito mais primário: que os bens da terra são para todos os homens. O que ocorre é que o capitalismo se torna incrivelmente sedutor porque, desde sua aceitação de que o fim econômico justifica todos os meios, por mais desumanos que sejam, acaba como um sistema de uma eficácia deslumbrante. Só que eficácia para poucos, cada vez menos”.

Do alto da bagagem que seus quase 80 anos lhe permitem ostentar, González Faus concedeu a entrevista a seguir para a **IHU On-Line**, por e-mail, onde defende que “amar a uma pessoa é sempre desejar-lhe o bem” e

que a união com essa pessoa “seja um bem para ela, e não somente para mim. Que é algo no qual a banalização egoísta que hoje fazemos do amor, quase nunca pensa”.

José Ignacio González Faus, jesuíta, é doutor em Teologia, foi professor de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia de Barcelona e na Universidade Centroamericana José Simeón Cañas - UCA de San Salvador. Lecionou como professor convidado em vários países da América Latina. Atualmente é responsável acadêmico do Centro de Estudos “Cristianismo e Justiça”, da Espanha. Colabora habitualmente no jornal *La Vanguardia*. Entre as suas obras, citamos *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa* (São Paulo: Loyola, 1981), *La humanidad nueva: Ensayo de Cristologia* (Santander: Sal Terrae: 1994) e *El amor en tiempos de cólera... económica* (RD-Khaf, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor avalia os primeiros meses do ministério do Papa Francisco?

José Ignacio González Faus – Os gestos até agora foram muito significativos e valiosos. Mas fica a tarefa de converter os símbolos em realidades concretas (Igreja dos pobres, reforma do papado, etc.). Não sei se nes-

se aspecto conseguiremos progredir, porque as resistências serão muitas (e suponho que as maiores venham das pessoas que mais ofertam dinheiro ao Vaticano...). Pessoalmente, ele tem me feito sorrir nas vezes em que as frases que antes eu dizia e fazia com que os bispos me olhassem feio, agora aparecem nos lábios desses mesmos

bispos... Creio que já não há como voltar atrás.

IHU On-Line – Quais as principais dificuldades que Francisco terá pela frente?

José Ignacio González Faus – Supõe-se que venham, sobretudo, de resistências da Cúria (que já impediu

Paulo VI¹ de reformá-la). Mas creio que também será preciso contar com a resistência de boa parte do povo cristão, que defende até hoje posições muito conservadoras e que, consciente ou inconscientemente, lhe colocam “paus nas rodas”². (Agora mesmo recebi um e-mail com um texto em que se falava deste papa com algumas palavras pouco afortunadas de Paulo VI: “a fumaça de Satanás está entrando na Igreja”...)

IHU On-Line – Como o senhor descreve o coração de sua fé pessoal?

José Ignacio González Faus – Creio que minha fé se constitui como uma posição de confiança total em Jesus, em dois pontos principalmente: de que posso confiar plenamente no Mistério Absoluto que está por trás de tudo, porque é um Mistério amoroso e acolhedor ao qual posso chamar Pai (ou Mãe). E que, ainda que esse Mistério não necessite nada de mim, nem meu amor lhe ofereça nada, há algo que posso lhe dar e que ele espera de mim: o amor a todos os seres humanos que Deus ama. Substancialmente, creio que minha fé cabe em duas expressões: “filiação divina” (com tudo o que isso implica de liberdade e dignidade) e “fraternidade universal”. A primeira, além de meus limites “criaturais”; a segunda, além de meus limites individuais ou grupais.

IHU On-Line – Em que medida capitalismo e fé cristã são incompatíveis?

José Ignacio González Faus – Há muitos anos, em uma carta a Roger Garaudy³, Dom Hélder Câma-

“Ele tem me feito sorrir nas vezes em que as frases que antes eu dizia e fazia com que os bispos me olhassem feio, agora aparecem nos lábios desses mesmos bispos...”

ra⁴ dizia que eram incompatíveis porque o capitalismo é intrinsecamente perverso. Eu tive um professor de moral (bastante rígido, entre outras coisas) que nos dizia que, além do fato de ele ser intrinsecamente mau ou não, o indubitável é que o capitalismo é uma “ocasião próxima do pecado”. E segundo a moral clássica, há a grave obrigação de fugir dessas ocasiões próximas. De maneira mais simples, o capitalismo é um sistema fundado sobre a busca do máximo benefício e para o qual a propriedade privada é um direito primário e absoluto; enquanto que, para o cristianismo, a propriedade privada é um

direito secundário e relativo que só tem vigência na medida em que ajuda a cumprir outro direito mais primário: que os bens da terra são para todos os homens. O que ocorre é que o capitalismo se torna incrivelmente sedutor porque, desde sua aceitação de que o fim econômico justifica todos os meios, por mais desumanos que sejam, acaba como um sistema de uma eficácia deslumbrante. Só que eficácia para poucos, cada vez menos.

E além do aspecto especificamente cristão, J.M. Keynes⁵, economista conservador, porém astuto e honrado, em sua obra clássica (*Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro*), reconhece expressamente que o capitalismo é absolutamente incapaz de duas coisas: de conseguir o pleno emprego e de diminuir as diferenças entre as pessoas. Pergunto-me se pode chamar-se justo um sistema incapaz de satisfazer dois direitos tão elementares. O que ocorreu é que, enquanto existiu a ameaça comunista, o capitalismo se disfarçou como o lobo da história do “Chapeuzinho Vermelho” e cedeu para aceitar a social-democracia. Ao passar o perigo comunista, o capitalismo deixou cair sua máscara. Hoje vemos o

⁵ John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 02-05-2005, disponível para download em <http://migre.me/4b8NA> e outra entrevista na 144ª edição, de 06-06-2005, disponível para download em <http://migre.me/4b8NR>. Confira, também, dois artigos na 145ª edição, de 13-06-2005, disponíveis para download em <http://migre.me/4b8Ob> e um artigo nos Cadernos IHU Ideias número 37, de 2005, intitulado As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes, de autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho, disponível para download em <http://migre.me/4b8Pq>. Leia, também, a edição 276 da Revista IHU On-Line, de 06-10-2008, intitulada *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*, disponível para download em <http://migre.me/4b8OK>. (Nota da IHU On-Line)

¹ Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da IHU On-Line)

² A expressão original em espanhol é “pondrán palos en las ruedas” e pode ser entendida como a tentativa de atrapalhar, impedir o avanço. (Nota da tradutora)

³ Roger Garaudy (1913- 2012): filósofo francês de origem católica com cerca de 50 livros publicados nas áreas de religião e política. Integrou a resistência francesa contra o nazismo durante a Segunda

Guerra Mundial, foi preso, aderiu ao partido comunista no pós-guerra e, mais tarde, abraçou o Islã e a causa palestina. Foi deputado, por quatro vezes, e senador na França, todas pelo partido comunista francês, sendo expulso do PC, em 1970, por ter criticado a invasão soviética da Checoslováquia. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Hélder Pessoa Câmara (1909-1999): bispo católico, arcebispo emérito de Olinda e Recife. Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e grande defensor dos direitos humanos durante o regime militar brasileiro. Pregava uma Igreja simples, voltada para os pobres e a não-violência. Por sua atuação, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Foi o único brasileiro indicado quatro vezes para o Prêmio Nobel da Paz. Entretanto, foi criticado por seus opositores por ser conivente com o marxismo. (Nota da IHU On-Line)

que ele é e vamos vendo que as antigas social-democracias já não são mais possíveis. Daí a crise de muitas esquerdas.

IHU On-Line – Qual a importância do mandamento do amor fraterno, hoje?

José Ignacio González Faus – Amar a uma pessoa é sempre desejá-lo o bem, mas isso pode ser feito de muitas maneiras e em muitos níveis: mais serenamente, com mais vontade, com mais paixão... Junto a esse desejo primário, o amor é acompanhado muitas vezes de um desejo de união ou fusão, que também tem uma gama muito diversa: desde a comunhão de ideias ou projetos que se dá na amizade, ou na colaboração, até a união sexual. Mas se tomamos seriamente o primeiro aspecto, este segundo implica que a união com aquela pessoa seja um bem para ela, e não somente para mim. Que é algo no qual a banalização egoísta, que hoje fazemos do amor, quase nunca pensa.

IHU On-Line – Como o senhor percebe a situação do cristianismo no Ocidente atualmente? Qual o papel do Papa Francisco nesse cenário?

José Ignacio González Faus – O Ocidente é hoje uma palavra muito ambígua, visto que Ocidente é Europa, Ocidente são os Estados Unidos e Ocidente é a América Latina. Eu temo que hoje a Europa esteja renegando não somente suas raízes cristãs como também suas raízes gregas (nem Jerusalém, nem Atenas, para dizê-lo com a expressão clássica de Habermas⁶).

6 Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confirma no site do IHU, www.unisinos.br/ihu, editoria *Notícias do dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI, emérito. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas

“Ao passar o perigo comunista, o capitalismo deixou cair sua máscara. Hoje vemos o que ele é e vamos vendo que as antigas social-democracias já não são mais possíveis. Daí a crise de muitas esquerdas”

Nós, os cristãos, devemos reconhecer que boa parte da culpa nesse “divórcio se deve, nestes dois últimos séculos, à nossa Igreja e, sobretudo, à Cúria Romana, da qual se diz que criou mais ateus que Marx e Nietzsche juntos. Nos Estados Unidos domina a religião do dólar (“*in Gold we trust*”, como parafraseia Dussel⁷) e, portanto, poderá ser um país muito “religioso” (talvez seja melhor dizer supersticioso), mas o especificamente cristão sempre haverá de ser ali minoritário e contra-

de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da IHU On-Line)

7 Enrique Dussel (1934): filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. É um dos maiores expoentes da Filosofia da Libertação e do pensamento latino-americano em geral. Autor de uma grande quantidade de obras, seu pensamento discorre sobre temas como: filosofia, política, ética e teologia. Tem se colocado como crítico da pós-modernidade chamando por um novo momento denominado transmodernidade. Tem mantido diálogos com filósofos como Apel, Gianni Vattimo, Jürgen Habermas, Richard Rorty, Lévinas. É um crítico do pensamento eurocêntrico contemporâneo. (Nota da IHU On-Line)

cultural, além de mal visto. No Centro “Cristianismo e Justiça” publicamos um caderno (creio que muito bom) intitulado “*O Deus de Bush*” (n. 126)⁸ e a ele me remeto. A América Latina pode ser considerada um filão para o cristianismo do futuro, mas vejo pelo menos duas grandes ameaças: o documento vaticano contra a Teologia da Libertação abriu a porta para uma religiosidade espiritualista, que está sendo “pasto” de todas as seitas do Norte. E o problema do celibato tem separado muito os fiéis dos padres (o que não acontecia) abrindo também caminho para as seitas. Mas acredito que vocês sabem muito mais disso do que eu. O que me atrevo a dizer é que, em minha humilde opinião, João Paulo II causou um grande dano à América Latina em função dos bispos que nomeou, sobretudo no caso do Brasil. O papel de nosso irmão Francisco neste cenário oxalá seja manter na América Latina a intensidade espiritual, a esperança moderada e a tese do bispo Bossuet⁹ sobre “a eminente dignidade dos pobres na Igreja” (um texto que todo cristão deveria conhecer, praticamente de memória).

IHU On-Line – O que o senhor entende por “uma civilização da sobriedade compartilhada” (recordando Ellacuría que falava de uma civilização da pobreza) e em que sentido ela pode ser considerada como a única oferta de vida que permanece para o nosso mundo?

8 Disponível para download em PDF em <http://bit.ly/12lzdNy> (Nota da IHU On-Line)

9 Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704): bispo e teólogo francês. Foi um dos primeiros a defender a teoria do absolutismo político; ele criou o argumento de que o governo era divino e que os reis recebiam seu poder de Deus. Foi autor de “A Política tirada da Sagrada Escritura”, publicada postumamente em 1709, na qual defende a teoria do Direito divino dos reis justificando que Deus delegava o poder político aos monarcas, conferindo-lhes autoridade ilimitada e incontestável. O caso mais exemplar de governante que se serviu das ideias de Bossuet foi Luís XIV de França, chamado “Rei Sol”. (Nota da IHU On-Line)

José Ignacio González Faus – Na fórmula de Ellacuría¹⁰ a palavra pobreza pode assustar porque a identificamos, às vezes, com miséria. E não era essa a sua intenção. Sobriedade quer dizer que quando tens o que moderadamente necessitas, o que excede não deve ser olhado como teu, mas daqueles que não têm; por isso os Padres da Igreja (na estrutura social de então) se cansaram de dizer que quando tu dás esmola a um pobre tu não fazes um ato de caridade, mas de justiça: porque não estás dando-lhe do que é teu, mas devolvendo-lhe o que é dele. E Gandhi¹¹ completa: a terra produz para satisfazer as necessidades de todos, mas não pode satisfazer os caprichos de alguns poucos. Nós temos construído uma civilização do luxo e do capricho e assim sobrecarregaremos o planeta.

¹⁰ **Ignácio Ellacuría:** filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu, intitulada *Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros*, disponível em <http://migre.me/11DN8>. Na mesma data, nosso site publicou a notícia *Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989*, disponível em <http://migre.me/11DO7>. No site do IHU visite a Sala Ignácio Ellacuría e Companheiros, onde podem ser lidas notícias, a história dos mártires jesuítas e o memorial criado pelo IHU em sua homenagem: <http://migre.me/11DOt>. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Mahatma Gandhi (1869-1948):** líder pacifista indiano um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e um influente defensor do Satyagraha (princípio da não-agressão, forma não-violente de protesto) como um meio de revolução. O princípio do satyagraha, frequentemente traduzido como “o caminho da verdade” ou “a busca da verdade”, também inspirou gerações de ativistas democráticos e anti-racistas, incluindo Martin Luther King e Nelson Mandela. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (*satya*) e não-violência (*ahimsa*). (Nota da IHU On-Line)

“Na Bíblia há uma coisa fundamental que nosso mundo não costuma aceitar: a incrível quantidade de maldade que cabe no ser humano”

IHU On-Line – Qual a importância para a Igreja hoje de refletir sobre a presença e o papel do diabo nas Escrituras? O que pode ser entendido, segundo a linguagem bíblica, quando se fala do Inimigo (Satanás) ou do Separador (Diabo)?

José Ignacio González Faus – Na Bíblia há uma coisa fundamental que nosso mundo não costuma aceitar: a incrível quantidade de maldade que cabe no ser humano. Também de bondade, evidentemente: o homem é capaz do melhor e do pior; mas agora falamos do mal: pensemos nos torturadores argentinos, naquelas meninas norte-americanas sequestradas e violadas durante anos, em nossa incrível indiferença diante da fome no mundo... Isso convence à Bíblia de que o mal é de alguma maneira “transcendente” ao homem, superior ao homem. Vem daí a expressão do Novo Testamento: “mistério da iniquidade”. Pelo aspecto geral, a cultura moderna não aceita esse mistério nem nossa incrível capacidade de praticar o mal. Assim, quando nos deparamos com o escândalo da maldade, cremos que ele está somente nos outros, por serem diferentes de mim, e aí surgem as tentações de aniquilar o diferente, tão típicas de hoje. Ora, se esse mistério da iniquidade se concretiza em um ser pessoal concreto (anjo caído ou como queiramos imaginá-lo), não está claro se isso faz parte da mensagem bíblica ou da cultura ambiental na qual se

expressa essa mensagem. Ratzinger¹² disse muitas vezes que toda religiosidade se dá no seio de uma cultura, com a qual não se identifica, mas da qual é inseparável. O tema de Satanás (ou do demônio) estaria, para mim, justamente aí: não sei se existe, mas a mensagem cristã me diz que, se existe, “está vencido”.

IHU On-Line – Qual a importância do Concílio Vaticano II em relação à questão de que o mal já foi vencido?

José Ignacio González Faus – Entre outras, que essa vitória sobre o mal deve ser realizada por cada um de nós, em nossas vidas, mas não somente no nível pessoal, como também nos níveis sociais e históricos. Sem que isso signifique um poder da Igreja sobre o mundo, mas sim uma colaboração para construir um mundo cada vez menos cruel e mais plenamente humano.

Leia mais...

>> José Ignacio González Faus já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- *A humanidade de Jesus como divindade e amor*. Publicada na edição número 336, de 06-07-2010, disponível em <http://bit.ly/I043AM>

¹² **Joseph Ratzinger:** teólogo alemão chamado Joseph Ratzinger, de 2005 a 2013 assumiu o trono de Pedro sob o nome de Papa Bento XVI. Autor de uma vasta e importante obra teológica, tem coo um dos seus livros fundamentais *Introdução ao cristianismo* (São Paulo: Loyola, 2006). Renunciou em fevereiro de 2013 ao pontificado, sendo hoje papa emérito. Sobre esse fato confira o seguinte material publicado pelas **Notícias do Dia** do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em 03-03-2013: *Conjuntura da Semana. Bento XVI. As primeiras avaliações de um pontificado*, disponível em <http://bit.ly/XkPinw>. (Nota da IHU On-Line)

Artigos da Semana

Diálogo, discernimento e novas fronteiras

Os desafios de Francisco aos jesuítas da Civiltà Cattolica

As 12h30min da última sexta-feira, na Sala dos Papas do Palácio Apostólico Vaticano, o Santo Padre Francisco recebeu em audiência a comunidade de escritores da revista jesuíta italiana La Civiltà Cattolica. Antes da audiência, o papa se reuniu brevemente com o diretor da revista, padre Anto-

nio Spadaro. O texto do discurso, em italiano, é publicado pela Sala de Imprensa do Vaticano, em 14-06-2013. A tradução é de Moisés Sbardelotto. Eis o texto, publicado originalmente no sítio do IHU em 17-06-2013 (<http://bit.ly/1bKUxA2>):

Caros amigos no Senhor,
Estou contente por encontrar vocês, escritores, a sua comunidade completa, as irmãs e os adeptos à administração da Casa. Os jesuítas da Civiltà Cattolica, desde 1850, desenvolvem um trabalho que tem uma ligação particular com o papa e a Sé Apostólica. Os meus antecessores, encontrando-lhes em audiência, reconheceram várias vezes como esse vínculo é uma característica essencial da sua revista. Hoje, eu gostaria de lhes sugerir três palavras que podem ajudá-los no seu compromisso.

A primeira é o diálogo. Vocês desenvolvem um importante serviço cultural. Inicialmente, a atitude e o estilo da Civiltà Cattolica foram combativos e muitas vezes asperamente polémicos, em sintonia com o clima geral da época. Percorrendo os 163 anos da revista, destaca-se uma rica variedade de posições, devidas tanto à mudança das circunstâncias históricas, quanto às personalidades dos escritores individuais. A sua fidelidade à Igreja ainda requer que vocês sejam duros contra as hipocrisias, fruto de um coração

fechado, doente. Duros contra essa doença.

Mas a sua tarefa principal não é construir muros, mas sim pontes; é estabelecer um diálogo com todas as pessoas, mesmo com aquelas que não compartilham a fé cristã, mas “cultivam os altos valores do espírito humano”, e até mesmo com “aqueles que se opõem à Igreja e de várias maneiras a perseguem” (*Gaudium et Spes*, 92). São tantas as questões humanas a se discutir e compartilhar, e no diálogo sempre é possível se aproximar da verdade, que é dom de Deus, e se enriquecer reciprocamente.

Dialogar significa estar convencido de que o outro tem algo de bom a dizer, abrir espaço para o seu ponto de vista, para a sua opinião, para as suas propostas, sem cair, obviamente, no relativismo. E, para dialogar, é necessário baixar as defesas e abrir as portas. Continuem o diálogo com as instituições culturais, sociais, políticas, também para oferecer a sua contribuição para a formação de cidadãos que tragam no coração o bem de todos e trabalhem pelo bem comum. A

“civilização católica” é a civilização do amor, da misericórdia, da fé.

A segunda palavra é discernimento. A tarefa de vocês é reunir e expressar as expectativas, os desejos, as alegrias e os dramas do nosso tempo, e oferecer os elementos para uma leitura da realidade à luz do Evangelho. As grandes perguntas espirituais hoje são mais vivas do que nunca hoje, mas há a necessidade de que alguém as interprete e as entenda. Com inteligência humilde e aberta “busquem e encontrem Deus em todas as coisas”, como escrevia Santo Inácio. Deus está agindo na vida de cada pessoa e na cultura: o Espírito sopra onde quer. Tentem descobrir o que Deus tem feito e como continuará a sua obra.

Um tesouro dos jesuítas é justamente o discernimento espiritual, que tenta reconhecer a presença do Espírito de Deus na realidade humana e cultural, a semente já plantada da sua presença nos acontecimentos, nas sensibilidades, nos desejos, nas tensões profundas dos corações e dos contextos sociais, culturais e espirituais.

Lembro-me de uma coisa que Rahner dizia: o jesuíta é um especialista no discernimento no campo de Deus e também no campo do diabo. Não é preciso ter medo de prosseguir no discernimento para encontrar a verdade. Quando eu li essas observações de Rahner, elas me chamaram bastante a atenção.

E para buscar a Deus em todas as coisas, em todos os campos do saber, da arte, da ciência, da vida política, social e econômica são necessários estudo, sensibilidade, experiência. Algumas das matérias que vocês tratam podem até não ter relação explícita com uma perspectiva cristã, mas são importantes para captar o modo pelo qual as pessoas compreendem a si mesmas e o mundo que as circunda. Que a observação informativa de vocês seja ampla, objetiva e oportuna.

Também é necessário ter uma atenção particular com relação à verdade, à bondade e à beleza de Deus, que sempre devem ser consideradas em conjunto, e são preciosas aliadas no empenho em defesa da dignidade do ser humano, na construção de uma convivência pacífica e na proteção cuidadosa da criação. A partir dessa atenção nasce o juízo sereno, sincero e forte acerca dos acontecimentos, iluminado por Cristo. Grandes figuras como Matteo Ricci são um modelo disso.

Tudo isso requer que se mantenham abertos o coração e a mente, evitando a doença espiritual da autorreferencialidade. A Igreja, quando se

torna autorreferencial, também adocece, envelhece. Que o nosso olhar, bem fixo em Cristo, seja profético e dinâmico para o futuro: desse modo, vocês sempre permanecerão jovens e ousados na leitura dos acontecimentos!

A terceira palavra é fronteira. A missão de uma revista de cultura como a *La Civiltà Cattolica* entra no debate cultural contemporâneo e propõe, de modo sério e ao mesmo tempo acessível, a visão que vem da fé cristã. A fratura entre Evangelho e cultura é, sem dúvida, um drama (cf. *Evangelii Nuntiandi*, 20). Vocês são chamados a fazer a sua contribuição para sanar essa fratura que também passa pelo coração de cada um de vocês e dos seus leitores. Esse ministério é típico da missão da Companhia de Jesus.

Acompanhem, com as suas reflexões e os seus aprofundamentos, os processos culturais e sociais, e aqueles que estão vivendo transições difíceis, encarregando-se também dos conflitos. O lugar próprio de vocês são as fronteiras. Esse é o lugar dos jesuítas. O que Paulo VI, retomado por Bento XVI, disse sobre a Companhia de Jesus, vale de modo particular para vocês hoje: “Onde quer que, na Igreja, também nos campos mais difíceis e de vanguarda, nas encruzilhadas das ideologias e nas trincheiras sociais, tenha havido e haja o confronto entre as exigências ardentes do ser humano e a mensagem perene do Evangelho, lá estiveram e estão presentes os jesuítas”.

Por favor, sejam homens de fronteira, com aquela capacidade que vem de Deus (cf. 2Cor 3, 6). Mas não caiam na tentação de domesticar as fronteiras: deve-se ir rumo às fronteiras e não trazer as fronteiras para casa para envernizá-las um pouco e domesticá-las. No mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, é urgente um corajoso empenho para educar a uma fé convicta e madura, capaz de dar sentido à vida e de oferecer respostas convincentes aos que estão em busca de Deus. Trata-se de apoiar a ação da Igreja em todos os campos da sua missão. A *La Civiltà Cattolica* neste ano se renovou: ela assumiu uma nova veste gráfica, pode ser lida também em versão digital e chega aos seus leitores também nas redes sociais. Também essas são fronteiras nas quais vocês são chamados a agir. Prossigam nesse caminho!

Caros Padres, vejo entre vocês jovens, menos jovens e idosos. A sua revista é única no seu gênero, que nasce de uma comunidade de vida e de estudos; como em um coro bem unido, cada um deve ter a sua voz e pô-la em harmonia com a dos outros. Força, caros irmãos! Estou certo de que posso contar com vocês. Enquanto lhes confio a Nossa Senhora da Estrada, concedo a vocês, redatores, colaboradores e irmãs, assim como a todos os leitores da revista, a minha Bênção.

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

“A direita e a esquerda se encontram na mesma vertente desenvolvimentista e continuam sacrificando os povos indígenas no altar do progresso”

POR CESAR SANSON

“A direita e a esquerda se encontram na mesma vertente desenvolvimentista e continuam sacrificando os povos indígenas no altar do progresso”. O comentário é de Cesar Sanson, docente na

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN em artigo para a IHU On-Line. Trata-se de uma síntese da Conjuntura da Semana publicada no sítio do IHU em 10-06-2013¹. Eis o artigo.

“Qual a diferença entre a política indigenista do atual governo e aquela da ditadura de 1964?”. A pergunta é do sociólogo Ivo Lesbaupin² diante dos acontecimentos envolvendo os povos indígenas nos últimos meses – resistência à construção de hidrelétricas; mudança no regulatório de demarcação das terras indígenas; projetos de lei, decretos e portarias que derrogam direitos dos índios; envio da Força Nacional para territórios indígenas; reintegração de áreas, morte do tereno Oziel Gabriel, manifestações em Brasília.

O professor da UFRJ e assessor dos movimentos sociais lembra que os militares nos anos 1970, imbuídos de uma concepção desenvolvimentista – *Brasil Grande* –, passaram por cima dos povos indígenas que ousaram resistir. “O índio não pode deter o desenvolvimento”, dizia em 1971 o general do exército Bandeira de Mello, na época presidente da Fu-

nai. A confirmação da fala do general está vindo agora à tona com o caso do extermínio de dois mil índios Waimiri Atroari³ e de fatos relatados no Relatório Figueiredo⁴. Ambos os casos são mostras das atrocidades cometidas pelos militares no período da ditadura contra os índios.

Passaram-se 50 anos do início da ditadura militar, porém a concepção desenvolvimentista que veem os índios como um estorvo, um empecilho e um obstáculo permanece intacta. Como afirma Roberto Liebgott⁵, do Conselho Indigenista Missionário – Cimi/RS, “os conceitos de entraves e obstáculos foram amplamente utiliza-

dos no período da ditadura militar pelos governos autoritários, quando se pretendia abrir estradas ou construir barragens em terras que habitavam comunidades e povos indígenas. O argumento dos ditadores era de que os interesses da nação não poderiam ser atrapalhados pelos índios, por isso eles precisavam ser removidos”.

“Fazendo um paralelo” – diz Liebgott – “com os discursos recentes de autoridades públicas, especialmente da ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, constata-se que a concepção que se tem dos povos indígenas em nosso país (em um governo ‘democrático e popular’) é o mesmo dos governos da ditadura militar. Disse a nobre ministra: ‘Não podemos negar que há grupos que usam os nomes dos índios e são apegados a crenças irrealistas, que levam a contestar e tentar impedir obras essenciais ao desenvolvimento do país, como é o caso da hidrelétrica de Belo Monte. O governo não pode concordar com propostas irrealistas que ameaçam ferir a nos-

1 -<http://bit.ly/13Qasuj>

2 -<http://bit.ly/12rqijr>

3 Sobre o tema, confira a entrevista “Waimiri-atroari: vítimas da Ditadura Militar. Mais um caso para a Comissão da Verdade”, com Egydio Schwade, disponível em <http://bit.ly/HN2N5f> (Nota da IHU On-Line)

4 Sobre o tema, confira a entrevista “Relatório Figueiredo. ‘Exame de consciência de como o Brasil tratou e trata os povos indígenas’, com Spensy Pimentel, disponível em <http://bit.ly/12fYbhm> (Nota da IHU On-Line)

5 -<http://bit.ly/14Wjcy2>

sa soberania e comprometer o nosso desenvolvimento”.

Antes o governo ditatorial, os militares, os generais, majores e coronéis das Forças Armadas como Sebastião Curió que não titubeavam em afastar o “obstáculo” – os povos indígenas – com o uso da *manu militari*. Hoje, o PT, o PCdoB, o PMDB e seus aliados. Antes, os generais Costa e Silva, Médici, Geisel, o uso da Lei de Segurança Nacional, as forças políticas em torno da Arena – a direita. Hoje, Dilma Rousseff, o PT, ministros de Estado progressistas – a esquerda.

A afirmação do general do exército em 1970 de que “o índio não pode deter o desenvolvimento” é hoje reafirmada pelas lideranças de um governo que se autodenomina democrático-popular. Ainda mais espantoso, entre os porta-vozes que insinuam que os índios são um “obstáculo”, muitos são de lideranças no interior do PT que se posicionam à esquerda no debate interno do partido, como o ministro da justiça José Eduardo Cardoso e o governador do Rio Grande do Sul Tarso Genro, ou ainda de ministros como Gilberto Carvalho e Gleisi Hoffmann, o primeiro ligado anos atrás aos movimentos da Teologia da Libertação como a Pastoral Operária, e a segunda, promessa de modernização do Partido dos Trabalhadores.

As forças autoritárias, retrógradas, conservadoras e portadoras da ideia de que o índio tinha que ser “emancipado” da sua terra e assimilado pela sociedade produtivista de ontem é reproduzida pelas forças políticas de hoje que se afirmam progressistas. “A história parece estar se repetindo, o que está em questão tanto na época da ditadura quanto hoje é a concepção de desenvolvimento (...) Hidrelétricas, mineradoras, agronegócio, desenvolvimentismo, neodesenvolvimentismo *versus* direitos dos povos indígenas: qual a diferença entre a política indigenista do atual governo e aquela da ditadura de 1964?” pergunta Ivo Lesbaupin.

Repete-se o desrespeito aos direitos dos povos indígenas. O governo na sua obsessão desenvolvimentista enquadra o Ibama, a Funai, e não ouve as graves denúncias do Ministério Público Federal. Ainda mais, “rasga” reiteradamente a Convenção 169 da Organi-

zação Internacional do Trabalho (OIT) que determina a consulta prévia às populações tradicionais afetadas por empreendimentos em seus territórios.

Ameaças aos povos indígenas vêm do Estado e do agronegócio

O sofrimento e a ameaça de desterritorialização a que estão submetidos os povos indígenas não se resumem, entretanto, aos grandes projetos. Faz parte da vida cotidiana de muitas comunidades indígenas a queima de barracos, intimidações, destruição de plantações, sequestros e assassinatos seguidos até mesmo do desaparecimento de corpos de lideranças indígenas. É o que se tem visto particularmente no Mato Grosso do Sul, palco recente do cruel assassinato do cacique Nisio Gomes e do recente assassinato do terena Osiel Gabriel.

Aqui a ponta de lança da sombra da morte sobre os indígenas é do agronegócio que conta muitas vezes com a omissão, a conivência ou mesmo com a participação do braço armado do Estado. Segundo o missionário Egon Heck⁶, “o que se está fazendo com os povos e direitos indígenas neste país, só teve precedentes, na década de sessenta e setenta, com um processo de genocídio programado e planejado pela ditadura militar e interesses econômicos ávidos por assaltar os recursos naturais das terras indígenas”.

Passadas décadas, pouco ou quase nada mudou. A direita e a esquerda se encontram na mesma vertente desenvolvimentista e continuam sacrificando os povos indígenas no “altar do progresso”. Tristemente constata-se que nos oito anos de governo do ex-presidente Lula e nos dois primeiros da presidente Dilma Rousseff, 560 índios foram assassinados no Brasil – média de 56 por ano. Os dados são do Conselho Indigenista Missionário – Cimi.

Antes o modelo imposto pela ditadura, pela dominação direta e bruta. Agora pela busca *gramsciana* da hegemonia, do consenso que joga e se vale do imaginário comum e simplista, até mesmo entre setores esclarecidos na academia, de que os índios estão atrapalhando o desenvolvimento do país. Ontem, os militares aliavam-se aos interesses das mineradoras, dos

fazendeiros, das multinacionais que tinham interesse na exploração de “territórios” ricos em jazidas. Hoje, a esquerda se junta aos seus novos aliados, o agronegócio.

A opção brasileira por um modelo altamente dependente da exploração de matérias-primas, em especial de *commodities* agrícolas e minerais para exportação [soja, etanol, pecuária, minérios...], modelo associado aos grandes projetos de matriz energética ancorados nas grandes hidrelétricas, tornaram os povos indígenas uma ameaça ao Estado brasileiro.

É nesse contexto que devem ser compreendidos os acontecimentos dos últimos meses, entre eles: a Operação Tapajós na qual o governo se valeu de recursos sórdidos como infiltração de agentes policiais nas comunidades indígenas e a ocupação do seu territórios – fatos que lembram os anos da ditadura. É também nesse contexto que se explicam os conflitos em torno da ocupação do canteiro de Belo Monte.

Mas as ações anti-indígenas não ficam por aí. De todos os lados é pesada a artilharia contra os povos indígenas, ora partindo dos ruralistas (PEC 215, PEC 38, PEC 237, Projeto de Lei 1610) e ora do governo (Portaria 303, Decreto nº 7.957/13, Portaria Interministerial 419/11).

Segundo análise do Cimi⁷, “o governo Federal dá mostras cada vez mais evidentes que não entende e que não está disposto a entender os povos indígenas brasileiros”. A organização destaca que “o governo Dilma aprofundou o processo de retração de demarcações das terras indígenas”. O Cimi comenta que “a presidente Dilma ainda não recebeu os povos indígenas para qualquer conversa ao longo destes mais de dois anos de mandato. No entanto, somente no mês de maio, a presidenta reservou tempo em sua agenda para ao menos cinco encontros com representantes dos ruralistas, inimigos históricos dos povos indígenas”.

O assassinato do terena Osiel Gabriel é resultante da escalada da tensão promovida pelo agronegócio com a omissão do governo federal que dialoga, mas não ouve os povos indígenas. Essa tensão tende a crescer.

6 -<http://bit.ly/13BNckT>

7 -<http://bit.ly/14rdNyF>

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 10-06-2013 a 17-06-2013, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Moradia popular: autogestão e propriedade coletiva

Entrevista especial com Whelton Pimentel de Freitas, coordenador da União Nacional por Moradia Popular – UNMP, membro do Conselho Nacional das Cidades e coordenador do Fórum Mineiro pela Reforma Urbana de Minas Gerais. Confira nas notícias do dia de 11-06-2013. Acesse o link <http://bit.ly/191Satl>

“Há capacidade e terras tanto do governo federal quanto dos estados para suprir toda a demanda do déficit habitacional quantitativo”, sustenta Whelton Pimentel de Freitas à **IHU On-Line**. “Enquanto morar for um privilégio para poucos, ocupar será também um direito nosso e nós vamos dar função social a esses imóveis da União como exemplo para que municípios e estados façam o mesmo, em vez de servir somente às elites e deixar esses imóveis ociosos para especulação ou, até mesmo, causando uma disfunção dentro da cidade. O direito à cidade é um direito também às terras públicas e aos imóveis”, ressalta.

Gás não convencional. Uma aposta energética

Entrevista especial com Colombo Celso Gaeta Tassinari, graduado em Geologia, mestre em Geociências (Mineralogia e Petrologia) e doutor em Geoquímica e Geotectônica pela Universidade de São Paulo – USP. Confira nas notícias do dia de 13-06-2013. Acesse o link <http://bit.ly/13GiKVa>

Uma fonte energética explorada nos EUA e no Canadá, o gás não convencional, conhecido

popularmente como gás de xisto, é uma das apostas energéticas do Brasil. No entanto, a extração do gás é alvo de polêmicas por conta de contaminações ambientais que podem ocorrer por causa do vazamento do gás ou no processo de fraturamento das rochas. O geólogo Colombo Celso Gaeta Tassinari explica como acontece o processo e quais os riscos ambientais. “Se o projeto for bem feito e tiverem os estudos necessários, a chance de contaminação ambiental é baixa, porque o fraturamento é feito em uma profundidade muito grande. É difícil os produtos químicos se espalharem a distâncias grandes”, assegura.

Comida. Patrimônio histórico, cultural e imaterial

Entrevista especial com Vanessa Schottz, secretária Executiva do Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional – FBSSAN. Confira nas notícias do dia de 14-06-2013. Acesse o link <http://bit.ly/152TBU7>

Questionar “que alimentos estamos comendo ou não estamos comendo” permite entender “como o sistema alimentar se estrutura e determina o que as pessoas comem ou deixam de comer”, aponta Vanessa Schottz. Ela chama a atenção para o processo de industrialização em que os alimentos são submetidos. A qualidade dos alimentos, ressalta, “não pode ficar restrita a essa visão de assepsia e de somatória de nutrientes. (...) Temos de pensar numa perspectiva de assegurar o acesso das pessoas à alimentação em quantidade, mas também em qualidade”.

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU programados para a semana de 17-06-2013 a 24-06-2013

Data: 19-06-2013

Evento: Mesa-redonda final do I Seminário
Debatedores: Prof. MS Gilberto Faggion (IHU), Prof. MS Lucas Henrique da Luz (IHU) e Prof. Dr. Luiz Fernando Silva Bilibio (Unisinos)
Horário: 14h30min às 16h
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU
Mais informações: <http://bit.ly/ZdZGy9>

Data: 19-06-2013

Evento: Perspectivas Contemporâneas de Direitos Humanos na França
Palestra: De los derechos humanos a los derechos fundamentales: ¿la existencia de la era del neo-constitucionalismo?
Palestrante: Dra. Verónica Champeil-Desplats
Horário: 18h30min
Local: Sala Conecta – Centro Comunitário (Unisinos / São Leopoldo)
Mais informações: <http://bit.ly/1967oxt>

Data: 20-06-2013

Evento: Perspectivas Contemporâneas de Direitos Humanos na França
Palestra: El caso de la libertad religiosa en Francia
Palestrante: Dra. Verónica Champeil-Desplats
Horário: 10h30min
Local: Sala Conecta – Centro Comunitário (Unisinos / São Leopoldo)
Mais informações: <http://bit.ly/1967oxt>

Data: 20-06-2013

Evento: IHU Ideias
Palestra: Megaeventos e a Violação de Direitos: A Copa do Mundo para quem e para quê?
Palestrante: Bel. Claudia Favaro (Comitê Popular da Copa)
Horário: 17h30min às 19h
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU
Mais informações: <http://bit.ly/1bzJium>

Acesse o facebook do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e acompanhe nossas atualizações
facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos



Eventos

Megaeventos e a Violação de Direitos: A Copa do Mundo para quem e para quê?

POR RICARDO MACHADO



O evento **IHU ideias** desta semana, que ocorre na quinta-feira, 20, a partir das 17h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU, recebe a arquiteta e urbanista, formada na Unisinos em 2008, Claudia Favaro. Ela fará a palestra **Megaeventos e a violação de direitos: A Copa do Mundo para quem e para quê?**, em que abordará questões sociais relacionadas aos projetos de reurbanização tendo em conta o Mundial de Futebol de Seleções. Claudia trabalha com assessoria técnica a movimentos sociais, entre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, faz parte do Comitê Popular da Copa de Porto Alegre e é a representante do Rio Grande do Sul na articulação nacional dos comitês populares da Copa.

“As violações (de direitos humanos) se dão nas mais variadas esferas e uma das principais são as remoções forçadas em detrimento das obras de

infraestrutura. Nosso cálculo aponta que mais de 200 mil pessoas serão removidas no Brasil em função dos megaeventos. Esse número dá conta também das pessoas que foram ameaçadas, mas que em algum momento realizaram resistência e o governo recuou”, aponta Claudia. Para ela, podemos esperar pouco retorno dos investimentos realizados para o mundial e que a maior contribuição está relacionada à possibilidade de se desenvolver uma cultura do esporte como resgate à cidadania. “De resto é um grande negócio, uma venda de imagem de cidades, uma venda de insumos de construção civil, uma venda de territórios, uma venda de pessoas. São só trocas comerciais. Se o Brasil conseguisse valorizar sua cultura sem colocar mulher pelada e carnaval, poderia ter um retorno interessante para o país”, complementa.

Entre os desafios apontados por Claudia, está o de manter na resistência, embora ela ressalte que, considerando o que já passou, a tendência é que a repressão aumente. “A polícia está cada vez mais violenta, a repressão às manifestações está cada vez mais intensa. Diálogo com os entes e esferas públicas que não houve até agora não vai ter. Houve em Porto Alegre uma aproximação importante da Defensoria Pública, que criou uma comissão interna para tratar disso”, avalia.

Mais informações no link <http://bit.ly/1bzjium>.

Leia mais...

>>A **IHU On-Line** já publicou outras entrevistas sobre essa temática. Confira:

- *Copa do Mundo. Para quem e para quê?* Edição 422, de 10-06-2013, disponível em <http://bit.ly/11Yn6nW>
- *Futebol. A marca de uma identidade nacional?* Edição 334, de 21-06-2010, disponível em <http://bit.ly/gj0j6N>
- *Copa do Mundo: “o interesse público está sendo desvirtuado”.* Entrevista especial com Thiago Hoshino. Entrevistas do sítio IHU On-Line, nas notícias do dia 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/v1IKHE>
- *Copa do Mundo 2014: “O Estado paga a conta e a iniciativa privada fica com o lucro”.* Entrevista especial com Marcos Alvito. Entrevistas do sítio IHU On-Line, nas notícias do dia 04-01-2012, disponível em <http://bit.ly/wp0Bla>
- *As implicações sociais da Copa do Mundo.* Entrevista com Roberto Morales. Entrevistas do sítio IHU On-Line, nas notícias do dia 11-01-2012, disponível em <http://bit.ly/A0lg2j>
- *Copa do Mundo: está em curso um processo de “higienização” no Rio.* Entrevista especial com Hertz Leal. Entrevistas do sítio IHU On-Line, nas notícias do dia 02-05-2012, disponível em <http://bit.ly/Kq46WR>
- *O Desenvolvimentismo em debate.* Edição 392, de 14-05-2012, disponível em <http://bit.ly/JwfkfW>
- *Tráfico de pessoas. A forma contemporânea de escravidão humana.* Edição 414, de 15-04-2013, disponível em <http://bit.ly/YzlsSB>

Publicação em destaque

Confira uma das publicações mais recentes do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Cadernos IHU ideias Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas de saúde e de gênero

Em sua 189ª edição, o Cadernos IHU ideias traz o texto **Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas de saúde e de gênero** sob autoria de Marlene Tamanini, professora da Universidade Federal do Paraná – UFPR e membro do Núcleo de Estudos de Gênero da mesma instituição.

A autora analisa como os efeitos de interferências tecnológicas no corpo humano podem afetar as relações de gênero e outras formas de relações sociais, debatendo, entre outros temas, a reprodução assistida, a doação de óvulos e espermatozoides, os tratamentos de fertilidade e processos de reconhecimento de maternidade e paternidade nas novas configurações familiares produzidas por este contexto.

Exemplares dos Cadernos IHU ideias podem ser adquiridos diretamente no IHU ou solicitados pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8247.

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da **IHU On-Line**



Economia Solidária: teoria e prática

Edição 42 – Ano – II – 11-11-2002

Disponível em <http://bit.ly/ZFNcL9>

Economia Solidária: Teoria e prática



A economia solidária foi objeto de debate no dia 8 de novembro, dia 8 de 1930, no seminário "Economia Solidária, Teoria e Prática" organizado pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU). No evento participaram nomes de destaque no área, entre eles o sociólogo francês Henri Pouillé, o filósofo francês Jean-Louis Lévesque, o economista brasileiro Marcos Arruda, a filósofa brasileira Heloísa Primavera, a filósofa brasileira Cláudia Lippert, o filósofo brasileiro Armando Sales, o filósofo brasileiro Ana Maria Garcia, Paulo de Jesus, Francisco Oliveira, Luiz Távora, Sérgio Kuper, Francisco Marín e Paulo Albuquerque.

Marcos Arruda é pesquisador econômico, educador e membro da secretaria de pesquisa econômico do IPT. Arruda tem participado recentemente no debate sobre a reestruturação da empresa do governo de Luís e suas prioridades. Recentemente, ele falou alguns pontos da economia da economia aos participantes do encontro de Economia Solidária.

A economia solidária foi objeto de debate no dia 8 de novembro de 2002. O seminário "Economia Solidária, Teoria e Prática" foi organizado pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. No evento participaram de nomes como o sociólogo francês Henri Rouillé d'Orfeuill. Nomes como Marcos Arruda, Heloísa Primavera, Euclides Mance, Luis Inácio Gaiger, entre outros, integraram o debate.

Biociotecnologias e reprodução humana: limites e possibilidades

Edição 68 – Ano – III – 28-07-2003

Disponível em <http://bit.ly/14sKNdd>

Há quase dez anos atrás, quando uma notícia amplamente divulgada na imprensa mundial dava conta de um nascimento de um bebê selecionado geneticamente para salvar seu irmão, a **Revista IHU On-Line** abordava o tema da biotecnologia sob variados aspectos do saber. Participaram do debate, entre outros professores, Victor Hugo Valiati, Annette Droste, Volnei Garrafa e Márcio Fabri.



BIOTECNOLOGIAS E REPRODUÇÃO HUMANA: LIMITES E POSSIBILIDADES



Editorial

Esta é uma edição que o Instituto IHU On-Line não criou: muitos foram os autores. Participaram de muitos trabalhos, artigos, ensaios, debates, discussões. Há uma riqueza e variedade de conteúdos e de pontos de vista emergem com força sempre, sempre, sempre. Há uma pluralidade de abordagens e temas e também a presença de trabalhos que foram produzidos em conjunto, entre outros. Esperamos que esta edição seja bem recebida e que ela seja um ponto de partida para outros trabalhos.

Desde então e até hoje, o Instituto IHU On-Line não criou: muitos foram os autores. Participaram de muitos trabalhos, artigos, ensaios, debates, discussões. Há uma riqueza e variedade de conteúdos e de pontos de vista emergem com força sempre, sempre, sempre. Há uma pluralidade de abordagens e temas e também a presença de trabalhos que foram produzidos em conjunto, entre outros. Esperamos que esta edição seja bem recebida e que ela seja um ponto de partida para outros trabalhos.



Editorial

Desde de mais de dez anos atrás, o Instituto IHU On-Line não criou: muitos foram os autores. Participaram de muitos trabalhos, artigos, ensaios, debates, discussões. Há uma riqueza e variedade de conteúdos e de pontos de vista emergem com força sempre, sempre, sempre. Há uma pluralidade de abordagens e temas e também a presença de trabalhos que foram produzidos em conjunto, entre outros. Esperamos que esta edição seja bem recebida e que ela seja um ponto de partida para outros trabalhos.

Projeto nacional de desenvolvimento: uma possibilidade? Um contrassenso

Edição 77 – Ano – III – 29-09-2003

Disponível em <http://bit.ly/11v1Gjh>

A edição 77 da **Revista IHU On-Line**, publicada em no final de setembro de 2003, trouxe como tema de capa o *Projeto nacional de desenvolvimento: uma possibilidade? Um contrassenso*. Pensadores da política nacional como Luiz Gonzaga Belluzzo e Azis Ab-Saber debateram a conjuntura social da época. A revista foi publicada na semana do 73º aniversário da Revolução de 1930 no Brasil.

Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – Cepat/CJ-Cias



Casa do Trabalhador

E-mail: casatrabalhador@terra.com.br
 Telefone: (41) 3349 5653

Cepat: cepat.cepat@terra.com.br

Há muitos anos o Instituto Humanitas Unisinos – IHU tem uma parceria estratégica com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – Cepat, em Curitiba, PR.

Entre inúmeras atividades, iniciativas e projetos, a parceria se expressa diariamente na contribuição do Cepat na elaboração das Notícias do Dia, publicadas diariamente pela página do IHU e na construção semanal de uma Análise de Conjuntura.

O que é o Cepat?

O Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - Cepat surge no início da década de 1990 com a preocupação de compreender melhor a profundidade, a amplitude e os impactos das transformações no mundo do trabalho. O Cepat, uma iniciativa da Companhia de Jesus, entende-se como uma atualização das inspirações dos Centros de Investigação e Ação Social - CIAS. Desde 2008, passa a se constituir como Centro Jesuíta de Cidadania e Ação Social - CJ-Cias.

Para conhecer mais o Cepat clique aqui: <http://www.ihu.unisinos.br/cepat>

Missão

A missão do Cepat/CJ-Cias é contribuir na discussão de uma sociedade economicamente justa, politicamente democrática, ecologicamente sustentável, socialmente solidária e culturalmente plural.

Trabalho:

O Cepat concentra o seu trabalho em quatro eixos:

- 1 – Pesquisa (traduções, análises, artigos)
- 2 - Formação Político-Cidadã
- 3 - Espiritualidade
- 4 – Assessorias

Casa do Trabalhador:

No local ocorrem reuniões, encontros, cursos e treinamentos promovidos pelos movimentos sociais, populares e pastorais sociais, além de ser a sede do Cepat que administra a Casa.